



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Faculdade de Letras

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

MESTRADO EM LINGUÍSTICA

**VALORES SOCIAIS EM ESCALA DE VARIÁVEIS FONOLÓGICAS DO
PORTUGUÊS CARIOCA**

Giselle Gaspar de Assis Silva

2025



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

VALORES SOCIAIS EM ESCALA DE VARIÁVEIS FONOLÓGICAS DO
PORTUGUÊS CARIOCA

Giselle Gaspar de Assis Silva

Orientadora: Prof^ª Dr^a Christina Abreu Gomes

Dissertação apresentada ao curso de pós-graduação em Linguística, nível Mestrado, da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Linha de Pesquisa: Variação e Mudança Linguística.

Rio de Janeiro

2025

Silva, Giselle Gaspar de Assis.

Valores sociais em escala de variáveis fonológicas do português carioca / Giselle G. A. Silva. – Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2025. 77 folhas.

Orientadora: Christina Abreu Gomes

Dissertação (Mestrado) UFRJ, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística. 2025.

Referências: folhas 73-76.

1. Sociolinguística variacionista 2. Modelos baseados no Uso 3. Ditongo nasal 4. Rotacismo 5. Fricativa em coda I. Gomes, Christina Abreu. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Valores sociais em escala de variáveis fonológicas do português carioca.

VALORES SOCIAIS EM ESCALA DE VARIÁVEIS FONOLÓGICAS DO PORTUGUÊS
CARIOCA

Giselle Gaspar de Assis Silva

Orientadora: Professora Doutora Christina Abreu Gomes

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a
obtenção do título de Mestre em Linguística.

Examinada por:

Profa. Dra. Christina Abreu Gomes – *Presidente da Banca*
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Leila Maria Tesch – *Titular*
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo – *Titular*
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Eliete Figueira Batista da Silveira – *Suplente*
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Thiago Laurentino de Oliveira – *Suplente*
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Abril de 2025

Aspectos perceptuais da variação linguística. Valores sociais em escala de variáveis fonológicas do português carioca. Relação entre contexto comunicativo e avaliação social.

MEMÓRIA

(Carlos Drummond de Andrade)

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas fíndas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que caminham sob o sol para que eu possa descansar na sombra;

À minha irmã, minha primeira incentivadora ao mundo das letras;

Ao meu companheiro de vida, Enzo, que me apoia há dez anos em absolutamente tudo que faço. Com você, terei sempre 17 anos com aquele frio na barriga. Te amo demais, você sabe;

À minha sogra, que me trata como filha desde o primeiro dia e sempre me ajudou nessa caminhada;

Ao meu irmão de alma, Crístian, que viveu comigo as loucuras do mundo acadêmico desde a graduação e segue vivendo as delícias da vida;

Ao amor da minha vida, meu cachorrinho Nick, por ter ficado comigo durante toda a criação deste trabalho. Qualquer erro de digitação, culpe-o;

À minha incrível orientadora, Christina Abreu Gomes, pela paciência maior que todos os planetas juntos. Não sei o que seria de mim sem você;

À UFRJ, minha segunda casa, que me abre portas inimagináveis;

A todos os meus alunos, que vibram comigo todos os dias a cada pequena conquista;

Por fim, a mim. Simplesmente, a mim.

RESUMO

SILVA, Giselle G. A. **Valores sociais em escala de variáveis fonológicas do português carioca**. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2025. Dissertação de Mestrado em Linguística.

A presente pesquisa buscou observar a questão da avaliação social de variantes de variáveis fonológicas, a partir da observação do comportamento de falantes universitários da comunidade de fala do Rio de Janeiro, com o objetivo de verificar se os valores sociais atribuídos às variantes observadas se organizam em um *contínuo* para além da dicotomia prestígio/estigma. Foram observadas variantes de três variáveis fonológicas do português brasileiro, a saber: a vogal oral, que alterna com ditongo nasal átono final (*garagi ~garagem*), o tepe, que alterna com a lateral em onset complexo (*framengo ~flamengo*), e a fricativa posterior (velar/glotal) em coda (*mehmo ~mesmo*), buscando estabelecer seu grau de indexação social, no sentido de verificar se há estigma e se este é percebido da mesma forma nessas produzidas em contexto de alta tensão comunicativa. Os dados foram obtidos através de experimento para acessar o valor social das variantes com base no experimento de Labov *et al.* (2011). A pesquisa se baseia no que é conhecido sobre a estratificação social observada nos estudos com dados de produção espontânea das variantes das variáveis estudadas (GOMES *et al.*, 2013; GOMES, 2021; MELO, 2017). O suporte teórico do estudo conjuga os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, no que diz respeito à definição do conhecimento linguístico como contendo a heterogeneidade estruturada, sendo a variação observada na fala a expressão da heterogeneidade estrutural, e da relação entre língua e sociedade, postulados por Weinreich, Labov e Herzog (1968), e os pressupostos dos Modelos Baseados no Uso (BYBEE 2001, 2010; PIERREHUMBERT, 2003, 2016), no que diz respeito à relação entre conhecimento abstraído e uso, à organização do conhecimento linguístico do falante e status da variação na gramática. Com base em Labov *et al.* (2011), foi elaborado um experimento com estímulos orais em que o participante teria que indicar se o candidato estaria apto ou não para ocupar o cargo de âncora de jornal de TV em uma escala entre 1 (certamente não) e 5 (certamente sim). O experimento contou com 40 participantes, todos estudantes universitários da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Cada participante ouviu uma lista com cinco blocos: um de cada variante (vogal oral, tepe em onset complexo e fricativa posterior em coda) e dois com sentenças de controle. Cada bloco continha quatro sentenças com estrutura de manchete de notícia, lida por voz feminina. Após ouvir cada bloco, o participante respondeu ao comando avaliando a performance da candidata à função jornalística pretendida. Foram organizadas quatro listas que diferem quanto à ordem de apresentação das variantes. O experimento foi precedido de uma fase treino a fim de proporcionar maior entendimento da atividade. A hipótese de trabalho foi a de que poderia haver um *contínuo* em que o tepe em onset complexo, dado seu caráter de estereótipo social (Gomes, 2021; Gomes *et al.*, 2022), seria avaliado como mais inadequado para a situação comunicativa do experimento que a coda fricativa posterior, e mais distanciado da vogal oral que alterna com ditongo nasal em final de nomes. Os resultados obtidos na regressão linear mista mostraram que há uma distância de inadequabilidade entre o rotacismo e a vogal oral, mas não em relação à coda fricativa posterior. Por outro lado, a ordem de apresentação dos blocos de estímulo se mostrou significativa, de maneira que, no geral, as três variantes receberam mais avaliações negativas que na Lista 1. Também houve interação entre ordem e variante, sendo que houve mais avaliações negativas do tepe na Lista 2 comparativamente à avaliação das sentenças de controle que na Lista 1. Tomados em conjunto, os resultados para o valor social de variantes produzidas em situação de alta tensão comunicativa, a partir do julgamento de falantes de nível universitário, mostram que é importante explorar

possibilidades de nuances de avaliação, que podem se distribuir em um contínuo e que podem estar relacionadas com fatores como a relação entre variantes, observada nas diferentes ordens de apresentação dos blocos, a situação comunicativa propriamente dita, no caso a apresentação de um jornal de TV, e o perfil social dos participantes em função de alguma característica, como a escolaridade, no caso da presente pesquisa.

Palavras-chave: Sociolinguística Experimental; Percepção; Avaliação social; Variação sonora.

ABSTRACT

This research sought to observe the issue of social evaluation of variants of phonological variables, based on the observation of the behavior of university speakers from the speech community of Rio de Janeiro, with the aim of verifying whether the social values attributed to the observed variants are organized in a continuum of beyond the prestige/stigma dichotomy. Variants of three phonological variables of Brazilian Portuguese were observed, namely: the oral vowel, from the alternation with a final unstressed nasal diphthong (*garage* ~ *garagem*), the tap, from the alternation with the lateral in complex onset (*framengo* ~ *flamengo*), and the posterior fricative (velar/glottal) in coda (*mehmo* ~ *mesmo*), seeking to establish its degree of social indexation, in order to verify whether there is stigma and whether this is perceived in the same way for the variants of different variables produced in a context of highly communicative tension. The data were obtained through an experiment to access the social value of the variants based on the experiment by Labov *et al.* (2011). The research is based on what is known about the social stratification observed in studies with spontaneous production data of the variants of the variables studied (GOMES *et al.*, 2013; GOMES, 2021; MELO, 2017). The theoretical framework of the study combines the assumptions of Variationist Sociolinguistics, with regard to the definition of linguistic knowledge as containing structured heterogeneity, stating that the variation observed in speech as the expression of structural heterogeneity, and of the relationship between language and society, postulated by Weinreich, Labov and Herzog (1968), and the assumptions of Usage-Based Models (BYBEE 2001, 2010; PIERREHUMBERT, 2003, 2016), with regard to the relationship between abstracted knowledge and use, the organization of the speaker's linguistic knowledge and the status of variation in grammar. Based on Labov *et al.* (2011), an experiment was designed with oral stimuli in which the participant had to indicate whether or not the candidate would be qualified to occupy the position of TV news anchor on a scale between 1 (definitely not) and 5 (definitely yes). The experiment involved 40 participants, all university students at the Federal University of Rio de Janeiro. Each participant listened to a list with five blocks: one of each variant (oral vowel, complex onset tap and posterior fricative in coda) and two with filler sentences. Each block contained four sentences with a news headline structure, read by a female voice. After listening to each block, the participant responded to the command evaluating the candidate's performance in the intended journalistic role. Four lists were organized, differing in the order in which the variants were presented. The experiment was preceded by a training phase in order to provide a better understanding of the activity. The working hypothesis was that there could be a continuum in which the tap in complex onset, given its character as a social stereotype (Gomes, 2021; Gomes *et al.*, 2022), would be evaluated as more inadequate for the communicative situation of the experiment than the posterior fricative coda, and further away from the oral vowel that alternates with a nasal diphthong at the end of nouns. The results obtained using linear mixed model showed that there is a distance of inadequacy between the rhotacism and the oral vowel, but not in relation to the posterior fricative coda. Additionally, the order in which the stimulus blocks were presented proved to be significant, in a way that, overall, the three variants received more negative evaluations than in List 1. There was also an interaction between order and variant, with a more negative evaluation of the tap in List 2 in relation to the fillers than in List 1. Taken together, the results for the social value of variants produced in situations of high communicative tension, based on the judgment of university-level speakers, show that it is important to explore possibilities of evaluation nuances, which can be distributed along a continuum and which may be related to factors such as the relationship between variants, observed in the different orders of block's presentation, the communicative situation itself,

the presentation of a TV news program, and the social profile of the participants based on some characteristic, such as education, in the case of the present study.

Key-words: Experimental Sociolinguistic; Perception; Social evaluation; Sound variation;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escala de avaliação	48
Figura 2 – Histograma do total de respostas para a variante vogal oral	53
Figura 3 – Histograma do total de respostas para o tepe em onset complexo	55
Figura 4 – Histograma das respostas para a fricativa posterior	57
Figura 5 – Histograma das respostas para as sentenças de controle	59
Figura 6 – Boxplot comparativo das respostas por bloco de estímulos	60
Figura 7 – Histograma da distribuição das respostas	63
Figura 8 – Boxplots das respostas entre variante e lista	68
Figura 9 – Contínuo de avaliação das variantes em estudo e estímulos controle	69

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Avaliação da variante vogal oral por lista	51
Gráfico 2 – Distribuição das respostas da variante tepe por lista	54
Gráfico 3 – Distribuição das respostas da variante fricativa posterior por lista	56
Gráfico 4 – Distribuição das respostas das sentenças de controle por lista	58
Gráfico 5 – Quantidade total de respostas de cada variante por nível	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparação das médias das respostas – Test.T	65
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Teste de Kruskal-Wallis - Resposta e Variante	64
Tabela 2 – Teste de Kruskal-Wallis - Resposta e Lista	64
Tabela 3 – Significância dos grupos de fatores – Regressão linear mista	66
Tabela 4 – Resultados dos fatores de cada variável independente	67

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	23
2.1. <i>Variação como inerente ao conhecimento linguístico do falante</i>	23
2.2. <i>Teoria dos Modelos de Exemplares</i>	24
2.3. <i>Percepção/processamento da variação</i>	25
2.4. <i>A questão da avaliação social</i>	27
3. REVISÃO DA LITERATURA – AS VARIÁVEIS ESTUDADAS	32
3.1. <i>A alternância entre ditongo nasal átono final e vogal oral</i>	32
3.2. <i>A alternância entre lateral e tepe em onset complexo</i>	35
3.3. <i>A alternância entre fricativa pós-alveolar e fricativa velar/glotal</i>	37
4. METODOLOGIA	40
4.1. <i>O experimento</i>	40
4.2. <i>Os participantes</i>	50
4.3. <i>Metodologia de análise dos dados</i>	50
5. RESULTADOS	51
5.1. <i>Análise descritiva</i>	51
5.1.1. <i>Estímulos com a vogal oral</i>	51
5.1.2. <i>Estímulos com o tepe em onset complexo</i>	54
5.1.3. <i>Estímulos com a fricativa velar/glotal</i>	56
5.1.4. <i>Estímulos com as sentenças de controle</i>	58
5.1.5. <i>Comparando as respostas das variantes e das sentenças de controle</i>	60
5.2. <i>Análise estatística inferencial</i>	62
5.3. <i>Síntese geral</i>	69
6. CONCLUSÃO	70
7. REFERÊNCIAS	73
8. ANEXOS	77

1. INTRODUÇÃO

A Sociolinguística Variacionista revolucionou a compreensão da língua ao abandonar a visão tradicional de um sistema homogêneo e estático, passando a concebê-la como um sistema heterogêneo e dinâmico. Segundo essa abordagem, a variação linguística não é um fenômeno isolado, mas uma característica essencial das línguas. A ideia central é que a língua é composta por múltiplas variantes e padrões de uso, e a variação é uma parte intrínseca do seu funcionamento. Em vez de tratar a língua como algo fixo e uniforme, a Sociolinguística Variacionista destaca que a diversidade linguística é fundamental para entender a complexidade do sistema linguístico (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Além disso, essa abordagem considera que a variação linguística é influenciada por uma combinação de fatores internos ao sistema linguístico e fatores sociais, como classe social, gênero, idade e contexto comunicativo. Em vez de ser um fenômeno aleatório, a variação segue padrões sistemáticos e previsíveis. A Sociolinguística Variacionista também procura explicar como a mudança linguística ocorre ao longo do tempo, considerando que essas mudanças são inerentes à linguagem humana, já que não existe língua estática e estão relacionadas a condicionamentos sociais e estruturais.

De acordo com os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista lançados em Weinreich, Labov e Herzog (1968), o estudo da mudança linguística, e consequentemente da variação linguística, precisa levar em conta um conjunto de questões, cada uma abordando aspectos distintos. Assim, *condicionamentos* referem-se aos fatores que influenciam a variação e, consequentemente, a variação que constitui processo de mudança em determinada língua, que podem ser linguísticos, sociais e também cognitivos (Labov, 1994, 2001, 2010). A *transição* descreve o processo gradual pelo qual uma mudança linguística evolui de um estágio para outro, passando por fases intermediárias. Já o *encaixamento* refere-se à relação de uma determinada mudança com outras e com a estrutura social, visto que cada mudança se ajusta e afeta tanto a estrutura da língua quanto o contexto social em que ocorre, evidenciando que mudanças não são isoladas, mas interligadas aos sistemas em que se inserem. A *avaliação* envolve a análise dos aspectos mais subjetivos das variáveis dentro de uma estrutura linguística diversificada, incluindo a medição do nível de consciência social em relação às variantes linguísticas e como essas variantes são percebidas e avaliadas pela comunidade de fala. Finalmente, a *implementação* trata de explicar as razões subjacentes às mudanças linguísticas em contexto e período específicos. Esse conceito busca compreender

os fatores que promovem as mudanças e como essas mudanças se manifestam na prática linguística ao longo do tempo (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

É sobre a questão da avaliação que essa pesquisa focaliza. Um aspecto importante da variação linguística é a indexação social, isto é, a possibilidade de expressão de características sociais dos falantes de uma determinada variedade a partir de formas linguísticas, isto é, das variantes. Assim, as variantes podem carrear características sociais dos falantes, como classe social, nível de escolaridade, profissão, até mesmo etnia, a depender da sociedade, assim como também podem estar relacionados às situações comunicativas em que os falantes se inserem. Assim, o presente estudo focaliza a relação de valor social entre diferentes variáveis fonológicas, com base em dados de percepção da variação linguística. Essa pesquisa teve como objetivo verificar a relação entre os valores sociais de três variantes de diferentes variáveis fonológicas do português brasileiro, a saber, o tepe que alterna com a lateral no onset complexo, a vogal oral que alterna com o ditongo nasal em final de nominais e a fricativa posterior da coda (S) para buscar estabelecer uma escala em contínuo para identificar seu grau de indexação social, no sentido de verificar se há estigma e se este é percebido da mesma forma nas variantes de diferentes variáveis no mesmo contexto ou evento comunicativo, o da variedade usada por apresentadores de jornal de TV, com base na metodologia do estudo de Labov *et al.* (2011). O eixo estigma e prestígio permanece, mas, entre um pólo e outro, há um contínuo. Os dados foram obtidos através de experimento para acessar a percepção das variantes mencionadas anteriormente no contexto comunicativo indicado em função de critérios de prestígio e nível de escolaridade do perfil profissional da suposta falante dos estímulos, a fim de evidenciar se há nuances na indexação social observada e se há correlação com as noções de variante como indicador, marcador e estereótipo, conforme em Labov (2008), ratificando ou não a estratificação social observada nos estudos com dados de produção espontânea e em situação experimental, mencionados na seção anterior.

Em função da estratificação social e estilística das variantes, Labov (2008) propôs classificar as variantes em indicadores, marcadores e estereótipos. Segundo Tarallo (2007) e Meyerhoff (2008), as variantes se classificam como indicadores quando não apresentam condicionamento estilístico e também não se encontram no nível de consciência dos falantes, capturada através de comentários sobre as variantes. As variantes que se classificam como marcadores são afetadas por condicionamento estilístico, mas também não se encontram no nível de consciência do falante. Já as variantes consideradas como estereótipos são aquelas

sujeitas à estigmatização social, referidas como identificação de determinada característica social que fazem parte da consciência dos falantes. No entanto, é possível que o caráter mais marcado ou menos marcado de determinada variante se altere considerando diferentes contextos comunicativos, conforme mencionado por Tagliamonte (2012).

De acordo com a estratificação social observada nos dados de produção sobre as variantes observadas nesta pesquisa, a vogal oral que alterna com o ditongo nasal poderia ser enquadrada como um marcador, e o tepe, no onset complexo, como estereótipo. Já a coda (S), produzida com variante posterior, não parece claramente se situar em nenhum dos dois conceitos. Apesar de compartilhar com o tepe características de diferença de distribuição abrupta entre grupos sociais definidos por classe social ou escolaridade nos diferentes estudos, a diferença abrupta para o tepe é mais acentuada porque há total ausência da variante em falantes com escolaridade de ensino médio do estudo de Gomes e Paiva (2002) e nos de classe média de Gomes (2022). Assim, as três variantes observadas nesta pesquisa foram escolhidas devido à estratificação social observada nos estudos com dados de produção e com dados de percepção, apresentados no terceiro capítulo. O objetivo desta pesquisa é, portanto, identificar, através da metodologia proposta, como se situam em um contínuo de valor social em que em um extremo se situa o estigma do tipo estereótipo e no outro, prestígio.

Em Head (1981), uma ideia semelhante foi trabalhada. O estudo analisou adolescentes de 13 e 15 anos de duas turmas de uma escola de classe baixa localizada em São Paulo, buscando verificar a associação perceptiva entre valores sociais e pronúncias normativas, dando ênfase nas regras aprendidas na escola e desvios gramaticais. Nos resultados gerais do teste feito, os resultados indicaram uma estreita relação entre percepção, conhecimentos de valores sociais e conhecimentos sobre a gramática normativa escolar, apesar de indicar que maiores detalhes sobre essa relação seriam necessários. Após três testes realizados, os resultados mostraram que os alunos mais velhos, aqueles com 15 anos, que se encontravam no nono ano, foram os que mais perceberam os desvios, evidenciando maior sensibilidade com as variantes estigmatizadas – /r/ em oposição a /l/ no onset complexo.

É importante salientar que, segundo o autor, ambos os grupos de estudantes manifestaram amplo domínio da língua, tanto em caráter lexical e gramatical quanto em caráter morfológico e fonológico. Um outro teste foi feito, agora com a finalidade de separar por gênero, feminino e masculino, o qual evidenciou que as meninas possuem maior sensibilidade com as variantes estigmatizadas do que os meninos. O autor pondera que,

devido ao pequeno número de participantes dos testes, não foi possível afirmar com clareza a relação entre idade, escolaridade e percepção da linguagem. No entanto, em conclusão, a pesquisa indicou que o principal fator na percepção entre diferentes variantes fonológicas é o conhecimento sobre valores sociais marcados ou não marcados disseminados na escola. A pesquisa realizada pelo CEP da UFRJ foi proposta em dois projetos distintos, sob números de pareceres 3.099.714 e 7.314.175, ambos com o experimento aprovado.

Em função da estratificação social encontrada nos trabalhos sobre o rotacismo, a hipótese de trabalho é a de que poderia haver um contínuo de avaliação em que o tepe em onset complexo, dado seu caráter de estereótipo social (Gomes, 2021; Gomes *et al.*, 2022), seria avaliado como mais inadequado, para a situação comunicativa do experimento, que a coda fricativa posterior, e mais distanciado da vogal oral que alterna com ditongo nasal em final de nomes. Para atingir esse objetivo, foi elaborado um experimento de avaliação das variantes nos moldes do estudo de Labov *et al.* (2011,) com estímulos orais, em que o participante teria que indicar se a candidata ao cargo de âncora de jornal de TV estaria apta ou não para ocupar a função, em uma escala entre 1 (certamente não) e 5 (certamente sim).

O estabelecimento de um contínuo é importante para superar as limitações de equacionar os diferentes significados sociais das variantes de forma binária ou dicotômica, reduzidos aos polos estigma e prestígio. Mesmo que os valores sociais não se organizem de forma binária, o acesso do valor social de variantes realizado normalmente com foco em uma única variante, ainda que em diferentes contextos comunicativos, pode dar a ideia de que o estigma de uma variante de uma variável é equivalente ao de outra variante de outra variável na mesma situação observada. Somente encontramos o estudo de Head (1981), que avalia um conjunto de variáveis do Português Brasileiro por um mesmo grupo. Assim, a perspectiva dessa pesquisa procura contribuir, de forma inovadora, para a ampliação de possibilidades de estudos voltados para compreender o valor social atribuído à variação, para além da observação da variação em diferentes contextos comunicativos, indivíduos com diferentes perfis sociais, etc.

A hipótese geral levantada é a de que os participantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro relacionam, em diferentes graus, as variantes a um perfil macrosocial específico. Como isso, a pesquisa estabeleceu uma escala de valores sociais abrangendo as variantes das três variáveis expostas. Como dito anteriormente, a percepção da variação é a aptidão do indivíduo para identificar e interpretar formas linguísticas associadas ao perfil social de quem

produz e às condições de produção, tais como a quem o falante se dirige, com que propósito e qual o grau de tensão comunicativa da situação de fala.

Assim, considerando o que se conhece sobre as três variantes dos estudos com dados de produção e os de percepção, a expectativa é que haverá uma alta marcação, em relação ao contexto de fala do experimento, do tepe em onset complexo, seguido da alternância da coda (s), em posição intermediária na escala, entre as outras duas variáveis, e, menos marcado, a alternância entre ditongo nasal e vogal oral. Essa hipótese se baseia no fato de que, na variedade carioca, a realização como fricativa posterior da coda (S), embora menos frequente, é observada na fala de indivíduos de qualquer escolaridade, diferentemente do que se observa para o tepe em onset complexo. O estudo de percepção de Silva (2022) sobre a alternância ditongo nasal e vogal oral em final de nominais não identificou associação entre as variantes e qualquer um dos dois perfis sociais avaliados no experimento, status socioeconômico alto e status socioeconômico baixo, ao passo que, em Gomes *et al.* (2022), os resultados apontaram a relação entre a variante tepe e o perfil socioeconômico baixo, conforme mencionado no capítulo anterior.

Assim, no contexto de fala do experimento, interessa-nos identificar em qual posição do contínuo de valor social a variante fricativa posterior da coda (S) irá ocupar: mais próxima do ditongo - e consequentemente menos estigmatizada - ou mais próxima da variável rotacismo - e consequentemente mais estigmatizada. Ainda, postula-se que o processamento do significado das sentenças está baseado também em características sociais de quem a fala, não somente em informação estritamente estrutural. Assim, nesta pesquisa, foram investigadas duas questões básicas sobre avaliação social de variantes: *a)* qual o grau de marcação social de cada variante?; *b)* como esses valores estão situados em um contínuo de valores com os extremos estigma e prestígio?

A dissertação está organizada de acordo com a descrição a seguir. Inicialmente, a introdução apresenta o tema e os objetivos do estudo, seguida do Capítulo 2, com os pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa, com base na Sociolinguística Variacionista que trata da variação como parte do conhecimento linguístico do falante, da percepção e do processamento da variação, além dos pressupostos dos Modelos baseados no Uso. O Capítulo 3 traz a revisão da literatura, detalha as variáveis estudadas, incluindo alternâncias fonológicas específicas, como ditongo nasal e vogal oral, além da alternância entre lateral e tepe no onset complexo e entre fricativa pós-alveolar e fricativa velar/glotal.

No Capítulo 4, a metodologia é descrita, abordando os objetivos, hipóteses e o experimento realizado. Os resultados, analisados de forma descritiva e a partir de estatística inferencial, estão apresentados no Capítulo 5, seguido da Conclusão.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, são apresentados os pressupostos teóricos utilizados como base dessa pesquisa, a Sociolinguística Variacionista e os dos Modelos de Exemplos, e uma seção voltada para o estudo da percepção da variação.

2.1. Variação como inerente ao conhecimento linguístico do falante

Para a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), o entendimento do conhecimento linguístico do falante inclui a relação entre a língua e a sociedade de inserção desse falante, além de postular que a gramática do falante é heterogênea, capturada na noção de que a variação linguística é, portanto, inerente ao conhecimento linguístico do falante. A variável linguística foi definida como o conjunto de diferentes formas linguísticas – as variantes – que alternam no mesmo contexto linguístico exprimindo o mesmo significado. Assim, as formas em variação, ou variantes, indexam características sociais dos falantes, uma vez que a variação não é livre ou aleatória, mas condicionada por fatores linguísticos e sociais (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1994).

Além da principal investigação da variação em dados de produção espontânea, com o objetivo de estudar a mudança linguística, a Sociolinguística também inclui, na sua agenda de investigação, questões relacionadas ao processamento da variação observada em estudos de percepção (GOMES; MELO, 2023, p. 438). De acordo com os autores, os estudos de percepção da variação têm abordado questões que vão desde a organização cognitiva da variação na gramática dos indivíduos, sobre o efeito dos condicionamentos linguísticos e sociais observados nos dados de produção, assim como o impacto das características sociais dos falantes no processamento das variantes e vice-versa, isto é, em que medida a variante ouvida impacta o processamento das características sociais do falante. De acordo com Squires (2011), a percepção da variação se enquadra na capacidade cognitiva que o falante/ouvinte tem de identificar e interpretar formas linguísticas, considerando que o processamento da informação linguística é associado à indexação social. Van Berkum *et al.* (2008) postularam que, quando ouvimos alguém, nosso cérebro rapidamente considera não só o conteúdo das palavras, mas também quem está falando no processamento da sentença. Um experimento realizado pelos autores verificou que, para os participantes, ao ouvirem declarações, com base nos estereótipos sociais dos holandeses, como "Se eu parecesse com Britney Spears, ...", em uma voz masculina, ou "Toda noite bebo uma taça de vinho", dito por uma criança, a identidade do falante é avaliada rapidamente logo após o início da fala.

Utilizando a técnica de ERP (potenciais relacionados a evento), uma técnica experimental que captura a atividade cerebral em formato de onda em resposta a significados incongruentes, a reação dos participantes a sentenças como as mencionadas anteriormente foi verificada aos 200-300ms, isto é, logo após o início da palavra relevante, nos exemplos *Britney Spears* e *taça de vinho*, da mesma maneira com que processaram enunciados como “os trens holandeses são amargos e azuis”, em relação à palavra *amargos*. Segundo os autores, esse resultado desafia os modelos tradicionais de interpretação linguística, pois, segundo esses modelos, primeiro interpretamos o significado literal da frase, ou seja, sua "semântica", antes de considerar o contexto comunicativo e a identidade social do falante para ajustar a interpretação pragmática. No entanto, a pesquisa indicou que, em vez de processar a linguagem e o contexto social separadamente, nosso cérebro faz essa integração de forma praticamente imediata. Esse resultado se reveste de uma importância enorme e reafirma o que Weinreich, Labov e Herzog (1968) defendem sobre a insociabilidade entre língua e sociedade, capturada na questão da avaliação social e do encaixamento na estrutura social.

Esses resultados revelam que não apenas analisamos o conteúdo linguístico presente na fala, mas também identificamos informações sobre as características sociais do falante. Portanto, a compreensão da linguagem está profundamente conectada aos aspectos sociais desde o início, demonstrando que a interpretação do discurso envolve uma integração instantânea entre o significado das palavras e a identidade do falante. Então, conforme mencionado anteriormente, entende-se que a percepção da variação é o mesmo que percepção linguística, uma vez que existem evidências de que, durante o processamento linguístico, falantes integram informação social e informação gramatical.

2.2. Teoria dos Modelos de Exemplares

Quanto ao caráter inerente da variação na gramática, a Teoria dos Modelos de Exemplares (CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2017, 2020) atribui status representacional à variação no conhecimento internalizado do falante. Em outras palavras, é postulado que as formas variáveis estão representadas no léxico do falante de acordo com a experiência do indivíduo com a língua. O modelo postula que as representações no léxico contêm o detalhe fonético, que também resulta da experiência do falante com a língua. As representações detalhadas também incluem aspectos sociais que caracterizam os falantes, e que, portanto, indexam essas características, além de informações das situações comunicativas.

Essa teoria oferece uma perspectiva inovadora sobre o conhecimento linguístico, postulando que a variação tem status representacional no léxico do falante, como dito. De acordo com essa abordagem, a variação linguística é representada diretamente no léxico, o que significa que a forma como uma palavra é produzida e percebida é armazenada como uma memória detalhada. Esses modelos sugerem que o conhecimento linguístico não se baseia em regras gramaticais abstratas e universais, mas emerge da experiência individual com a língua, e da atuação de mecanismos cognitivos inatos. (CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2017). Em vez de separar léxico e gramática, esses modelos defendem que não há uma distinção rígida entre esses dois componentes; ao contrário, o conhecimento linguístico resulta da interação entre aspectos inatos da cognição humana e a experiência linguística direta.

No âmbito dos Modelos de Exemplares, o léxico é visto como uma rede dinâmica de conexões baseadas em semelhanças sonoras e semânticas, na qual as relações morfológicas emergem dessas conexões. Assim, os itens lexicais não são organizados de forma isolada, em uma lista, mas como partes interligadas de uma rede que reflete a experiência acumulada e as variações encontradas na produção linguística. As generalizações linguísticas surgem dessa rede de exemplares e a gramática é compreendida como resultado dessas interações.

Assim, neste estudo, parte-se da hipótese de que não só a variação tem status representacional no conhecimento linguístico dos falantes, isto é, que as variantes constituem os exemplares das palavras representados no léxico, mas também a eles estão associados valores sociais relacionados aos falantes e às situações de produção. Dessa maneira, busca-se observar de que maneira se relacionam os valores de três variantes de três variáveis fonológicas diferentes em um determinado contexto comunicativo, o de produção com a finalidade de locutor de jornal de TV, um contexto de proeminência discursiva e de alta tensão comunicativa.

2.3. Percepção/processamento da variação

Conforme Gomes e Melo (2023), o termo percepção da variação engloba avaliação e processamento. Uma vez que a variação sociolinguística integra o conhecimento linguístico dos falantes, e são, portanto, inerentes a este conhecimento os condicionamentos linguísticos, sociais e cognitivos, incluindo os valores sociais atribuídos às formas linguísticas, segundo os

autores, não há necessidade de se estabelecerem rótulos diferentes a cada um desses aspectos, gerando delimitações conceituais desnecessárias entre percepção e avaliação.

O estudo da variação com base na percepção/processamento pode tanto estar voltado para aspectos estruturais quanto para a avaliação social. Por exemplo, Connine *et al.* (2008) mostram, através de uma série de experimentos, que o reconhecimento de uma palavra é mais rápido se a palavra é ouvida na variante em que é mais produzida. O estudo se baseou em itens lexicais que podem ser mais frequentemente produzidos com a vogal pós-tônica, como em *salary* (salário) e em itens que são mais frequentemente produzidos sem a vogal pós-tônica como em *op'ra* (ópera). Um experimento de decisão lexical mostrou que o tempo de resposta é menor para estímulos com vogal pós-tônica que sejam frequentemente produzidos com a variante que contém a vogal schwa e em estímulos sem a vogal para itens que são produzidos mais frequentemente sem a vogal schwa. Para os autores, a organização cognitiva dos exemplares, ou variantes, se baseia na frequência com que a palavra é produzida com uma determinada variante. Já em relação ao valor social das variantes, este pode ser acessado de forma indireta ou direta pelo pesquisador, sendo essa, portanto, uma questão de metodologia utilizada. Segundo os autores, não há necessariamente uma diferença entre o valor social explicitado metalinguisticamente pelo indivíduo e o acessado de forma mais inconsciente. A diferença está na metodologia utilizada, que tem consequência em como o valor social se revela e qual valor é. Assim, em consonância com o postulado da heterogeneidade estruturada do sistema linguístico, da competição de fatores linguísticos e sociais, da indissociabilidade entre língua e sociedade, adota-se a hipótese segundo a qual o processamento linguístico envolve o processamento das informações de diferentes naturezas relacionadas à variação linguística (GOMES; MELO, 2023).

A área da Sociolinguística que trata da percepção/processamento da variação é a Sociolinguística Experimental, que é um campo que congrega sociolinguística, psicolinguística, percepção da fala e psicologia social, tendo o ouvinte como foco da observação, e que utiliza métodos experimentais para estudar como a variação linguística é percebida e processada pelos falantes. Essa é uma área de estudo que está sendo mais desenvolvida no século XXI, muito embora a questão da percepção da variação esteja presente desde os primeiros estudos da Sociolinguística. Primeiramente, em estudos sobre avaliação social, como sexto capítulo de Labov (2008), “Dimensões subjetivas de uma mudança linguística em andamento”, que traz a avaliação de falantes ao final da entrevista sociolinguística ao serem expostos a sentenças contendo as variantes fonológicas em estudo

pelo autor, em estudos sobre as consequências cognitivas da mudança linguística apresentados em Labov (2010).

De acordo com Drager (2014), diferentes métodos experimentais podem ser e têm sido aplicados para entender melhor a variação linguística do ponto de vista da percepção. A autora apresenta algumas técnicas experimentais utilizadas para investigar como os falantes processam a variação linguística, mencionando trabalhos sobre como as variantes são percebidas em função dos valores sociais a ela associados. A autora também aborda as maneiras pelas quais essas metodologias podem ser usadas para obter dados mais detalhados e precisos. Além disso, a importância de uma metodologia delimitada para estudar a percepção da variação linguística também é explorada, uma vez que ela oferece um ambiente controlado para examinar as respostas dos falantes a diferentes variantes linguísticas, ou em diferentes contextos comunicativos, ou a partir de estímulos associados a diferentes características sociais, etc. Também têm sido observados fatores cognitivos presentes no processamento da variação, como em experimentos que avaliam o efeito de *priming*. *Priming* pode ser definido como a consequência que um estímulo prévio pode ter na apresentação de um estímulo subsequente e como essa relação tem consequências no comportamento observado. Assim, nos experimentos que usam *priming* sociolinguístico, as respostas podem ser influenciadas por exposições prévias a determinadas variantes, relação entre variantes e características sociais dos falantes dos estímulos. Por exemplo, Hay *et al.* (2006), mostram que no inglês da Nova Zelândia, a tarefa de identificação de itens lexicais em processo de fusão do ditongo [ea] como [iə], como *bear* (urso), mudando na direção de b[iə], perdendo a distinção em relação a *beer* (cerveja). A identificação dos estímulos produzidos com diferentes graus de fusão entre [e] e [i] foi mais bem sucedida em estímulos com fotos de possíveis falantes dos estímulos, com características sociais relacionadas à produção mais avançada de [i] – classe baixa, homens, do que os estímulos apresentados sem sugestão dessas características. Assim, aspectos cognitivos são também observados, juntamente com linguísticos e sociais, nos estudos sobre percepção da variação.

2.4. A questão da avaliação social

No âmbito da Sociolinguística, a avaliação social das variantes tem sido acessada, nos dados de produção observados em amostras de fala espontânea, através de variáveis sociais, como classe social, escolaridade, sexo/gênero dos falantes e estilo de fala, assim como também pode ser acessada através de metodologia experimental.

Weinreich, Labov e Herzog (1968 [2006]) abordam a avaliação social da variação linguística, considerando como as diferentes formas, ou as variantes, são percebidas e avaliadas pelos indivíduos de uma comunidade de fala e em contextos sociais distintos. De acordo com os autores, a avaliação social não é determinada pela estrutura formal da linguagem, ou seja, não são valores inerentes aos sistemas linguísticos. Uma vez que linguagem e sociedade estão interligadas, as formas linguísticas, e mais especificamente as variantes, podem carregar, ou indexar, características sociais dos falantes. As variantes linguísticas, nesse sentido, estão associadas a uma hierarquia de prestígio e estigma, em um contínuo entre estes dois pólos.

Ainda, de acordo com Tagliamonte (2012), a avaliação social das variantes linguísticas não é estática, mas sim fluida e contextual. A forma como as variantes são avaliadas depende não só das características do falante (como sua posição social e seu papel na comunidade), mas também do contexto comunicativo e das normas sociais do momento. Variantes que podem ser vistas como "menos prestigiadas" ou estigmatizadas em certos contextos podem, eventualmente, adquirir um status de prestígio em outros, conforme as normas sociais evoluem. Isso implica que a avaliação social da linguagem está sempre em mudança, refletindo transformações culturais e sociais mais amplas. Em outras palavras, o valor de uma variante linguística está sujeito às mudanças nos conceitos de prestígio e autoridade dentro de uma sociedade e de contextos linguísticos.

A pesquisadora também destaca que, em muitas comunidades, certas variantes são associadas a uma hierarquia social, com formas consideradas mais "marcadas" ou "formais" sendo vistas como indicadoras de prestígio e educação, enquanto as variantes regionais ou informais podem estar associadas a estigma e a baixo status social, a depender da dinâmica da comunidade de fala observada. No entanto, ela também observa que essas avaliações podem ser mutáveis e até contraditórias, uma vez que, como dito, as formas estigmatizadas podem, em determinados contextos, ser reinterpretadas ou até idealizadas como parte de um movimento de empoderamento social.

Com relação aos estudos sobre valores sociais atribuídos às variantes, há duas direções principais dos estudos experimentais da sociolinguística, a saber: como as formas linguísticas afetam a percepção das informações sociais atribuídas aos falantes e como a informação social sobre o falante afeta o modo como a variação linguística é percebida (DRAGER, 2014). Neste trabalho, procuramos observar de que maneira as variantes afetam a

percepção das informações sociais atribuídas aos falantes, buscando identificar se elas se distribuem em um contínuo, conforme mencionado na seção anterior, uma avaliação que envolve a adequação social das formas em julgamento, de acordo com critérios de prestígio e nível de escolaridade do perfil profissional da suposta falante dos estímulos, com base em Labov *et al.* (2011).

Com relação ao caráter fluido dos valores sociais, mencionado por Tagliamonte (2012), essa questão tem sido tratada por autores como Eckert (2012), referindo-se às diferentes abordagens do acesso a valores sociais, nos estudos sociolinguísticos através do termo “onda”. Assim, de acordo com a autora, os estudos de primeira onda são aqueles voltados para a identificação de valores sociais atribuídos às variantes com base no comportamento do indivíduo em diferentes estilos de fala, definidos como o grau de atenção que o falante presta a sua fala e da estratificação social da variação com base em categoria como classe social, segundo a autora, centrados no indivíduo e no enquadramento do seu comportamento como reflexo da classe a que pertence. Nos estudos de segunda onda, para além de categorias macrosociais, passa-se a dar relevo a categorias e características mais locais, embasadas em observações etnográficas. Já os estudos de 3ª onda se voltam para identificar aspectos do uso da variação relacionados a como os indivíduos usam a variação linguística para construir sua identidade sociolinguística, ou posição na sociedade, ou de acordo com a especificidade da situação comunicativa, considerando seu propósito comunicativo, para quem fala e em que contexto social e discursivo. De acordo com essa abordagem, os estudos de terceira onda atribuem um caráter agentivo ao falante em contraposição ao caráter estático das categorias macrosociais e mesmo das oriundas de estudos etnográficos. Porém, segundo Gomes (2017), as diferentes abordagens e concepções dos estudos linguísticos, identificados nas três ondas de Eckert (2012), não necessariamente se excluem. De um lado, segundo a autora, de acordo com as Ciências Sociais, o conceito de classe social não pode ser considerado estático.

No entanto, reconhecemos a importância de considerar aspectos para além das categorias macrosociais na busca de identificar valores sociais das variantes. Por exemplo, no estudo de Geere, Everett e MacLoad (2015), a fala do ator inglês Stephen Fry foi analisada em duas situações comunicativas: como narrados de audiolivros de Harry Potter e em podcasts em que trata de assuntos diferentes, com base nas variantes de 3 variáveis sonoras da variedade RP (*Received Pronunciation*), a variedade considerada de prestígio

macro-nacional em situações mais formais, de maior tensão comunicativa, em contexto escolar, universitário, repartições públicas, instituições financeiras etc. Os resultados observados, considerando os diferentes valores atribuídos às variantes, considerando estudos com dados de produção, mostraram a atuação de diferentes fatores, como audiência esperada, propósito do ator, tema do podcast, exposição de sua personalidade (podcast) x distanciamento como narrador de livro, conforme esperado na concepção agentiva mais recente dos estudos sociolinguísticos. Porém, os autores não descartaram o efeito de estilo de fala, nos moldes de Labov dos anos 1960, como componente do comportamento do autor, especialmente no podcast em que falava sobre língua, considerando sua característica de classe e formação educacional. Esse estudo traz evidências que vão na direção dos questionamentos de Gomes (2017) e Melo e Gomes (2024): os diferentes aspectos que compõem a cena comunicativa não excluem características macrossociais, uma vez que estas podem ter influência em como o falante se situa no evento comunicativo.

Em Labov *et al.* (2011), foi realizado um estudo com o objetivo de investigar as propriedades de um monitor sociolinguístico no processamento linguístico em tempo real, na percepção da variação linguística com variantes com valor social de estigma. Os experimentos mediram como os ouvintes percebem diferentes frequências de uma forma considerada não padrão da variável *-ING* no inglês, produzida com a nasal alveolar. Foi medida a sensibilidade dos participantes ouvintes a diferentes frequências das variantes velar e alveolar. Serão comentados os resultados dos Experimentos 1, 2 e 3. Os participantes que responderam o Experimento 1 ouviram dez gravações de leituras de notícias feitas pelo mesmo locutor, e as classificaram em uma escala Likert de sete pontos, avaliando a adequação profissional das variantes para o cargo de âncora de jornal, sendo 1 equivalente a “perfeitamente profissional” e 7, “tentar outro tipo de trabalho”. A frequência de ocorrência da variante alveolar em relação à frequência da velar foi 0%, 30%, 50%, com os estímulos coma alveolar apresentados antes dos com a velar, 50% com os estímulos coma velar apresentados antes dos com a alveolar, 70% e 100%. No Experimento 2, foram incluídas duas outras frequências, 10% e 20%, e incluída apenas uma ordem de 50%. E no Experimento 3, foram mantidas as frequências do Experimento 2, porém os blocos de estímulos com diferentes frequências das variantes foram ordenados sem ser em ordem crescente da realização da variante alveolar, havendo duas outras ordens diferentes. No geral, os resultados mostraram que as respostas seguiram uma curva logarítmica, o que significa que o impacto de cada desvio da norma era proporcional ao aumento percentual da diferença de frequência

de ocorrência da variante alveolar da seguinte maneira: *a)* os participantes foram capazes de discriminar diferenças de frequência tão pequenas quanto 10%, no contexto de fala do experimento, mas à medida que as frequências de /in/, a variante alveolar, aumentam, o incremento torna-se menor e perde significância; *b)* as mulheres mostraram menos tolerância que os homens em relação à variante alveolar no intervalo entre 10%-50%; *c)* as variantes de *-ING* tiveram a mesma avaliação independentemente da etnia, variedade regional ou se falante do inglês como L1 ou não. A pesquisa trouxe contribuição sobre a janela temporal de resolução do "monitor sociolinguístico", que, segundo os autores, mede como os ouvintes ajustam sua sensibilidade à variação linguística ao longo do tempo, apontando também como a percepção linguística está relacionada à rapidez com que os ouvintes detectam e reagem a diferentes frequências das variantes conforme ocorrem na fala. Também foi mostrado que há um padrão de atenuação ao longo do tempo, isto é, o que implica que a percepção de um desvio diminui à medida que o contexto de comunicação se desenvolve.

Logo, estudos de percepção da linguagem com base em dados experimentais, e que têm por objetivo acessar o valor social das variantes, precisam especificar e controlar o contexto sociocomunicativo do qual são constituídos, características sociais dos participantes e nuances ou características controladas nos estímulos a depender da metodologia experimental adotada. Dessa forma, o resultado obtido poderá expressar mais proximamente as percepções sobre o conteúdo da comunicação, sobre como a forma ou variante é usada e as associações sociais que carrega.

Sumarizando, a área da Sociolinguística que trata da percepção da variação, conforme em Gomes e Melo (2022) tem se dedicado a explorar como a variação é processada cognitivamente pelos falantes, abordando questões sobre o *status* da variação no conhecimento linguístico, como as diferentes formas linguísticas são percebidas por falantes típico e atípicos, em L1 e L2, assim como pode também abordar como o valor social associado a essas formas é processado. No que concerne ao valor social das variantes linguísticas, observa-se que os valores sociais atribuídos às formas linguísticas não são isolados, mas estão intimamente ligados à estrutura social de uma determinada sociedade, ao mesmo tempo em que esses valores também refletem as dinâmicas e experiências pessoais do indivíduo dentro dessa sociedade (HAY *et al.*, 2006; GOMES *et al.*, 2022).

3. REVISÃO DA LITERATURA - AS VARIÁVEIS ESTUDADAS

Neste capítulo, são apresentados os principais aspectos sobre as variáveis fonológicas observadas no experimento, identificados em estudos anteriores com base em dados de produção e de percepção, com foco naqueles que cujos falantes são da comunidade de fala do Rio de Janeiro. As variantes em estudo são: a vogal oral da alternância entre ditongo nasal átono final e vogal oral (*garagem* ~ *garagi*), o tepe que alterna com a lateral no onset complexo (*flamengo* ~ *framengo*) e a fricativa posterior (velar/glotal) em coda (*mesmo* ~ *mehmo*).

3.1. A alternância entre ditongo nasal átono final e vogal oral

Em Gomes (2017), é focalizada a alternância de ditongo nasal átono final e vogal (*viagem* ~ *viagi*), na variedade da cidade do Rio de Janeiro, visando observar o efeito do estilo de fala no uso das variantes descritas. A autora utilizou o método de observação de variação estilística usado por Labov (2008): produção dos itens lexicais relevantes, isto é, em que há a possibilidade de variação na situação de leitura de texto e lista de palavras, comparadas com a fala espontânea da recontagem da situação expressa no texto lido. O trabalho teve como base dados de 36 falantes de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro.

Para o estudo, o texto e a lista de palavras foram elaborados com itens lexicais levantados dos corpora ASPA/UFGM, NILC/São Carlos-UFSCar, Lael-PUC/SP-Fala e Escrita, classificados de acordo com sua frequência de ocorrência. A lista de palavras também contou com cerca de 20 distratoras e, dos 20 itens lexicais alvo, 10 são mais frequentes e 10 menos frequentes no Português Brasileiro, de acordo com levantamento realizado no ASPA. Metade dos itens mais frequentes e metade dos itens menos frequentes são terminados em *-gem* (ex. *viagem*) e metade não possui essa terminação (ex. *ontem*).

Posteriormente, os resultados obtidos foram submetidos a uma análise estatística para verificar o efeito das variáveis explicativas estilo de fala e frequência de ocorrência das palavras, faixa etária e sexo dos participantes. Dentre 1366 dados, apenas 133 apresentaram a vogal oral. A regressão logística indicou como variáveis relevantes o estilo de fala e a idade em dados de produção. Em conclusão, foi definido que há estratificação por estilo de fala no condicionamento da vogal oral, mais frequentemente produzida na situação de fala espontânea, no reconto do texto escrito. Foi observado então que a realização da vogal oral é associada a situações de uso que envolvem menor tensão comunicativa e menor formalidade

(reconto), sendo evitada nos outros contextos (leitura de texto e de lista de palavras), possibilitando a atribuição de algum grau de estigma a essa variante, uma vez que resultados apontam um decréscimo nos pesos relativos do reconto para a leitura da lista de palavras, o que significa uma tendência à menor realização da vogal em relação ao aumento da tensão comunicativa. Já na estratificação etária, os resultados indicaram que há maior tendência de uso da vogal oral na faixa etária intermediária.

Em estudo anterior, Gomes *et al.* (2013) observaram dados de fala espontânea de uma amostra da comunidade de fala carioca (Amostra Censo 2000) com o intuito de verificar o papel do item lexical e dos contextos estruturais na variação, levando em consideração a Sociolinguística Variacionista e a Fonologia de Uso ou Modelo de Exemplares. A análise foi realizada somente em nominais, excluindo-se os casos de variação em ditongos nasais em final de formas verbais flexionadas (p. ex., *foram* ~ *foru* ou *cantam* ~ *canta*). No estudo em questão, em função dos resultados obtidos, Gomes *et al.* (2013) concluíram que a variação é condicionada por fator linguístico (distância da sílaba tônica seguinte à sílaba final em variação) e fatores extralinguísticos, como a idade e a escolaridade dos falantes. Também foi observado que há maior tendência à realização da variante vogal em itens específicos, que apresentam alta frequência de ocorrência na língua. Em relação à variável social escolaridade, os resultados mostraram que há uma tendência de ocorrência da variante oral entre falantes de escolaridade mais baixa, resultado esse essencial para o estudo da percepção. Já para a variável faixa etária, os resultados não foram indicativos de mudança, e sim de variação estável, na medida em que a variante oral é desfavorecida entre os mais jovens e os mais velhos e favorecida na idade intermediária (25-49 anos).

Então, os dados de produção espontânea indicaram que há um efeito prosódico no enfraquecimento de ditongos nasais que ocorrem em sílaba átona final, além de um condicionamento lexical relacionado à frequência de ocorrência do item lexical. No entanto, segundo Gomes *et al.* (2013), este último aspecto necessita ser mais aprofundado com a ampliação do corpus ou com dados de outras amostras. Ainda, é válido mencionar estudos com dados do corpus VARSUL. Schwindt e Bopp da Silva (2010), após uma análise mais aprofundada do estudo de Battisti (2000), chegaram aos seguintes resultados: Santa Catarina continua sendo o estado em que se observa mais realização da vogal; existe uma maior redução na classe dos nomes do que em verbos; a vogal presente no contexto fonológico seguinte favorece o processo; os mais jovens produzem maior redução, assim como os menos escolarizados; a consoante nasal precedente, em contexto de onset, também favorece a vogal; e os contextos átonos seguintes também contribuem para a redução do ditongo nasal. Em

decorrência da investigação feita, concluiu-se que esse fenômeno tem ocorrência moderada com tendência à realização do ditongo.

Silva (2022) conduziu um estudo de percepção das duas variantes, utilizando o modelo experimental de *matched-guise* (DRAGER, 2014), que consiste em observar a reação do ouvinte a performances linguísticas que se diferenciam apenas em aspectos formais específicos e controlados e associá-las a um perfil social, ou a partir da atribuição de características de diversas naturezas (habilidoso, rude, inteligente, etc.). Em Silva (2022), foi observado em que medida a forma linguística influencia na informação social atribuída ao falante do estímulo.

O experimento realizado consistiu na apresentação de estímulos orais com as variantes ditongo nasal átono final ou a vogal oral e posterior associação do estímulo ouvido ao seu possível falante identificado através da escolha entre duas fotos, combinando estímulo oral com estímulo visual. As 16 frases contendo os itens lexicais relevantes foram gravadas com as duas variantes, totalizando 32 estímulos. Os 32 estímulos foram divididos em duas listas em função de três condições: variante (ditongo *versus* vogal oral), frequência do item lexical (alta *versus* baixa) e tipo de palavra (terminadas em -gem *versus* não terminadas em -gem). Além disso, nenhum participante ouviu o mesmo item lexical com as duas variantes. As condições *frequência* e *tipo de item lexical* foram utilizadas para checar, na percepção, o efeito de condicionamentos verificados na produção.

É válido salientar que um critério importante na construção dos estímulos foi elaborar sentenças que possam ser ditas por qualquer pessoa, independentemente de idade, sexo e status socioeconômico, a fim de evitar interferências de outra natureza que não sejam as variantes analisadas. A tarefa de cada ouvinte que consentiu em realizar o teste consistiu em associar o áudio a uma das duas fotos representando dois perfis socioeconômicos distintos – alto e baixo. A ordem de apresentação dos estímulos foi pseudoaleatória, isto é, os estímulos foram ordenados de maneira que ocorreu uma distratora entre o estímulo com o item relevante produzido com o ditongo nasal átono ou com a vogal oral. A explicação detalhada sobre a checagem da pertinência do perfil social pretendido das fotos pode ser consultada em Gomes *et al.* (2022).

As respostas foram analisadas em função de duas variáveis dependentes – tipo de resposta e tempo de resposta – em função das seguintes variáveis explicativas: variante do estímulo, frequência de ocorrência do item lexical (alta ou baixa) e tipo da palavra (terminada ou não em -gem). A autora menciona que as variáveis explicativas sexo e escolaridade dos participantes foram desconsideradas, visto que não houve um número equilibrado de

participantes homens e mulheres e que todos os indivíduos participantes têm ensino superior incompleto.

Em conclusão, os resultados de Silva (2022) confirmaram a hipótese inicial do trabalho: não existe uma correlação clara entre perfil socioeconômico baixo e variante vogal. Os resultados encontrados, considerando a associação entre resposta e variante do estímulo, não se mostraram significativos do ponto de vista estatístico na rodada de regressão logística, nem da associação entre ambas e as variáveis linguísticas e do perfil de sexo das fotos. Da mesma forma, não foi detectada relação entre tempo de resposta e a associação entre perfil da foto e variante do estímulo, assim como não há relação entre essa associação e as demais variáveis explicativas. Em ambos os casos, considerando os dois resultados estatísticos, a hipótese inicial se confirmou, categorizando a variável como um marcador sociolinguístico, também da perspectiva da percepção das variantes.

3.2. *A alternância entre lateral e tepe em onset complexo*

Gomes (2021) enfoca a variação entre consoantes líquidas em onset complexo (*claro ~ craro*), comparando resultados obtidos para o Português Brasileiro Contemporâneo falado e em textos do período do Português Antigo. O objetivo foi discutir questões relacionadas à representação da variação, à mudança linguística e à avaliação social da variante tepe, evidenciando o estigma presente no rotacismo. Com base em Gomes (1987), os resultados são revisitados de acordo com os pressupostos teóricos dos Modelos de Exemplares, com a finalidade de discutir a organização cognitiva da variação e uma hipótese sobre a construção do valor social negativo da variante tepe em oposição à variante lateral. A autora mostra, a partir dos dados coletados no Rio de Janeiro e Ribeirão Preto, que não foi identificada a produção de item lexical com a variante tepe entre falantes da classe média nas entrevistas sociolinguísticas que compõem as amostras utilizadas, e que os casos de rotacismo ficaram restritos aos falantes dos grupos sociais, de cada uma das localidades, caracterizados por status socioeconômico mais baixo e escolaridade mais baixa, o que pode significar que a variante tepe é um estereótipo relacionado a status social baixo.

Em Mollica e Paiva (1991) identificaram efeito do modo e do vozeamento da primeira consoante do onset complexo, assim como efeito da presença de outra líquida na palavra, ou seja, o tepe seria favorecido quando precedido por oclusiva surda e há outra líquida na palavra. Em contrapartida, Gomes (1987) analisou os mesmos condicionamentos estruturais e não encontrou significância do ponto de vista estatístico para nenhum dos grupos de fatores anteriormente mencionados, porém foi encontrada essa significância para condicionamento

lexical, possivelmente relacionado com a frequência de ocorrência dos itens lexicais na amostra em questão. Já em Gomes *et al.* (2022), buscou-se focalizar a percepção das variantes lateral e tepe no onset complexo por ouvintes universitários da cidade do Rio de Janeiro. Assim, o objetivo do trabalho foi identificar em que medida a forma linguística afeta características sociais percebidas dos falantes dos estímulos. O estudo foi desenvolvido com 40 participantes que ouviram 16 sentenças alvo, contendo um item lexical com uma das duas variantes – tepe ou lateral.

A tarefa consistiu na indicação do possível falante do estímulo, homem ou mulher, caracterizado quanto ao perfil socioeconômico, escolhido entre duas opções de foto, metodologia semelhante ao estudo de Silva (2022) em relação ao ditongo e vogal oral. O comportamento dos participantes foi acessado em função da escolha da foto e do tempo de resposta. As variáveis explicativas foram a variante do item lexical, o sexo do falante do estímulo, a frequência de ocorrência do item lexical e a presença ou ausência de outra líquida na palavra, respectivamente como em *claro* e *chiclete*. A hipótese, estabelecida com base nos estudos com dados de produção, é que a variante tepe seja relacionada a perfil socioeconômico baixo, independentemente do sexo dos falantes dos estímulos, e a variante lateral não indexe característica socioeconômica. Assim, a hipótese levantada pelas autoras foi que a variante tepe alveolar constituiria um estereótipo relacionado a status socioeconômico baixo e a lateral, como é a variante mais usada na variedade carioca, independentemente da escolaridade/status social dos falantes, não seria relacionada a status socioeconômico.

Os resultados obtidos apontam que não houve associação da variante lateral com nenhum perfil social, o que já era esperado, já que é a variante mais usada por falantes de diferentes graus de escolaridade, conforme observado nos trabalhos com dados de produção. Mas, além disso, também foi observada uma leve tendência a associar o tepe ao status socioeconômico baixo. Somente os resultados para tempo de resposta foram conclusivos para a correlação esperada para a variante tepe, isto é, a hipótese de ser marcada socialmente como variante estigmatizada no português carioca, já que os tempos de resposta para a associação entre variante tepe e status socioeconômico baixo foram os mais baixos.

Para as autoras, os resultados de tempos de resposta mais baixos para a correlação entre status socioeconômico baixo do falante dos estímulos com a variante tepe em itens lexicais sem outra líquida e de baixa frequência de ocorrência são indicativos de que os participantes acionaram uma relação de valor social entre a variante e o perfil status socioeconômico baixo das fotos em interação com características dos itens lexicais, o que

permitiu afirmar que essa associação faz parte do conhecimento linguístico internalizado dos participantes.

3.3. *A alternância entre fricativa pós-alveolar e fricativa velar/glotal*

Em Melo (2017), no estudo da variação das fricativas em coda (*me[ʒ]mo ~ me[z]mo ~ me[ɦ]mo ~ memo*), doravante coda (S), é analisado o papel do item lexical e da estrutura social na direcionalidade da mudança sonora, partindo da hipótese de que falantes estabelecem representações detalhadas dos itens lexicais baseadas nas suas experiências com o uso, situando a variação sonora no plano representacional. O autor comparou o comportamento de dois grupos sociais da comunidade de fala do Rio de Janeiro em relação à variação da fricativa em coda, com base em dados de produção espontânea: a alternância entre pós-alveolar e velar/glotal. Os grupos de falantes analisados foram adolescentes moradores de favelas que diferem em termos de integração social (amostras EJLA - excluídos socialmente e Fiocruz - estudantes de Ensino Médio, com bolsa da instituição para realização de formação em guia de museu) e subgrupo de falantes da classe média (amostra Censo 2000). É importante frisar que a realização da fricativa em posição de coda silábica, como em *desliga ~ dehliga*, é uma variável largamente estudada do Português Brasileiro em diferentes comunidades de fala, tendo sido também objeto de análise de diversos estudos em diferentes amostras de fala da cidade do Rio de Janeiro.

Os resultados corroboram as hipóteses dos Modelos Baseados no Uso, segundo as quais não há incompatibilidade entre efeito de condicionamento fonético e lexical na variação, de maneira que foram observados tanto efeito do segmento seguinte – a glotal é favorecida quando seguida de consoante sonora –, quanto efeito da frequência de ocorrência da palavra – a glotal é favorecida em itens com alta frequência de ocorrência. Também foi observado comportamento diferenciado dos falantes da Amostra EJLA, expresso na taxa global de realização da fricativa glotal (30%) e na realização de itens com predominância desta variante. Já os falantes da Amostra Fiocruz apresentaram um comportamento semelhante ao dos falantes da amostra Censo 2000, com taxas de realização da coda como fricativa glotal próximas, 6% e 5% respectivamente, mostrando que o grau de inserção social é relevante para o comportamento dos falantes. Nestes dois grupos, não foi observada realização de item lexical majoritariamente com a glotal.

Melo (2017) também conduziu um estudo de percepção sobre as variantes da coda (S) com foco nas variantes pós-alveolar e fricativa posterior (velar/glotal). Os dados foram obtidos através de experimento de percepção que avaliou o significado social das duas

variantes da variável coda (S) aplicado a três grupos de participantes pertencentes a dois grupos sociais distintos na comunidade de fala do Rio Janeiro, equivalentes aos grupos sociais das amostras de fala. Os resultados confirmaram a avaliação negativa acerca da variante velar/glotal, fortemente associada a trabalhador cuja tarefa não exige nenhum tipo de formação especializada correspondendo à funcionária responsável pela limpeza em um hospital. Os resultados também mostraram que essa avaliação não é compartilhada por todos os falantes da comunidade de fala analisada, uma vez que o estigma da variante velar/glotal foi confirmado entre os participantes mais escolarizados, universitários e alunos do Ensino Médio participantes de um programa de formação profissionalizante da Fiocruz, mas não entre os adolescentes excluídos socialmente. Para este grupo, os resultados indicaram que não houve diferença de avaliação em relação às duas variantes da variável estudada.

Do cotejo entre resultados de estudos com dados de produção espontânea e dados de percepção das três variáveis, com indivíduos da cidade do Rio de Janeiro, observa-se que a variante tepe da alternância entre lateral e tepe em onset complexo é a mais marcada socialmente, havendo uma diferença abrupta em relação a sua frequência de produção em função do grupo social identificado como classe social e/ou escolaridade e uma identificação clara com status socioeconômico baixo do falante do estímulo em situação experimental. Os estudos com dados de produção espontânea sobre a variante vogal que alterna com o ditongo nasal em final de nominais mostram estratificação social da variante oral, mais frequente entre falantes com escolaridade mais baixa. Porém, o estudo de percepção não indica associação direta entre a variante oral e status socioeconômico baixo do falante do estímulo, o que é indicativo de que essa variante não constitui um estereótipo de status socioeconômico do falante. Com relação à variação da coda (S), os resultados de Melo (2017), com dados de produção espontânea, indicam uma diferença abrupta no percentual de realização da fricativa posterior em função da escolaridade e status socioeconômico dos falantes, sendo mais frequente na amostra de adolescentes excluídos socialmente com escolaridade irregular, e a associação da variante posterior, em dados de percepção, a falante com perfil de status socioeconômico baixo e com ocupação profissional que não requer formação técnica ou de qualquer natureza formal, podendo ser tomado também com um estereótipo de um determinado perfil social associado a baixa renda e baixa escolaridade.

Assim, a observação das três variantes na presente pesquisa permite identificar qual o grau de marcação social presente em cada variável e se se assemelham ou se diferem entre si através da mesma metodologia de observação do respectivo valor social atribuído a cada uma

delas. Tanto nos estudos de produção, quanto nos estudos de percepção, as variáveis linguísticas são estudadas e analisadas de forma independente. Conforme mencionado no capítulo anterior, a avaliação social das variantes em estudo foi considerada em função de um determinado perfil social (profissão e status social da profissão do falante dos estímulos) e em função de um contexto ou evento comunicativo específico (apresentação de jornal de TV), de maneira que os resultados obtidos se referem a valores das variantes em questão associados a eventos de fala com alta tensão comunicativa, em que formas marcadas socialmente, isto é, estigmatizadas ou identificadas com um perfil regional específico, são evitadas. Sendo assim, os resultados obtidos devem ser entendidos como a expressão de valores sociais em um contexto específico, conforme será mencionado no capítulo a seguir sobre a metodologia e questões de trabalho.

4. METODOLOGIA

Neste capítulo, são apresentadas as características do experimento elaborado para a finalidade específica do estudo, participantes e metodologia de análise das respostas obtidas, conforme as seções a seguir. Conforme mencionado na Introdução, é objetivo desta pesquisa estabelecer um contínuo de valores sociais de variantes de diferentes variáveis, ou seja, buscar identificar a existência de uma escala entre os pólos estigma e prestígio para três variáveis fonológicas a partir da observação do comportamento de falantes universitários do Rio de Janeiro. As variantes são de três variáveis fonológicas: a vogal oral da alternância entre ditongo nasal átono final e vogal oral (*garagem* ~ *garagi*), o tepe que alterna com a lateral no onset complexo (*chiclete* ~ *chicrete*) e a fricativa posterior (velar/glotal) em coda (*desliga* ~ *dehliga*).

4.1. O experimento

O experimento da presente pesquisa é uma adaptação do utilizado em Labov *et al.* (2011). O experimento desenvolvido para atingir os objetivos dessa pesquisa também estabelece o contexto de fala para os estímulos, sentenças com itens lexicais com as três variantes em estudo na situação de uma candidata à função de apresentadora de jornal de TV. Porém, como o objetivo é comparar o julgamento ou avaliação de variantes de variáveis diferentes, os blocos de estímulos, que correspondem a manchetes de um jornal de TV, foram organizados de maneira diferente dos experimentos em Labov *et al.* (2011).

Para cada variante, foram construídos 12 estímulos, sentenças com o item lexical relevante para cada variante e 8 estímulos de controle. O total de 36 estímulos alvo foi organizado em 4 blocos com 4 sentenças com a mesma variante. Ou seja, 4 blocos com 4 estímulos para cada uma das três variantes em estudo. Da mesma forma, o total de 8 estímulos de controle foi organizado em 2 blocos com 4 sentenças. Optou-se por blocos de 4 sentenças para assegurar que a variante fosse percebida/ouvida nas sentenças veículo. As listas diferem quanto à ordem de apresentação das variantes. O experimento foi apresentado com o seguinte comando inicial:

“Você irá ouvir conjuntos de manchetes lidos por uma candidata a apresentadora de jornal de TV, em uma das etapas da seleção. Ao final de cada conjunto, você irá avaliar, de acordo com a escala apresentada, se você considera que a candidata está apta para a função pretendida. Para se familiarizar com a tarefa, você ouvirá primeiramente 3 conjuntos de

manchetes lidas pela candidata e, após cada uma, colocará sua apreciação de acordo com a escala apresentada. Após o treino, aparecerá uma tela indicando o início da fase de avaliação juntamente com a repetição da tarefa a ser executada.”

Vale ressaltar que, para o presente experimento, a profissão de âncora de jornal de TV foi considerada como intrinsecamente formal e de alto prestígio para a sociedade, nesse caso, a carioca (por exemplo, Jornal Nacional). Então, três blocos de 4 sentenças de controle foram elaborados para a fase treino. Os estímulos da fase treino estão a seguir, conforme foram apresentados aos participantes:

Fase Treino:
Bloco 1
Árvore de Natal do Parque Ibirapuera com 57 metros de altura será inaugurada neste sábado.
Final de semana será de calorão no Sudeste e chuvas intensas no Norte e Sul; veja previsão.
Chuva congelante interrompe operações no aeroporto de Munique.
2024: Como usar a cor do ano para amor e relacionamentos.
Bloco 2
Shopping Grande Rio realiza campanha de doação de brinquedos para crianças carentes.
Atenção máxima: os 7 alimentos que mais oferecem perigo aos animais.
Criança brinca em máquina de lavar, fica presa e é salva pelos bombeiros.
Mulher é atacada pelo próprio cachorro e tem braço amputado em São Paulo.
Bloco 3
Defensoria da Espanha pede 9 anos de cadeia para ex-jogador da seleção brasileira; confira.
Número de mortos em Gaza desde 7 de outubro chega a mais de 16 mil, diz Hamas.
Chamados de "anomalia": perseguição a LGBTs escancara fundamentalismo do Estado russo.
Bebê paulista que pode ter sido vítima de tráfico internacional de pessoas é encontrada em Portugal.

Fonte: elaboração própria

Após a fase treino, os mesmos participantes responderam aos estímulos de uma lista específica contendo cinco blocos com quatro sentenças veículo de cada uma das três variantes, conforme exposto a seguir. A ordem de apresentação das variantes foi uma condição *between-subject*, ou seja, conjuntos diferentes de participantes foram expostos a estímulos com ordens diferentes de apresentação das variantes. Com as exclusões mencionadas anteriormente, um total de dez participantes respondeu a cada lista. Na fase experimental, foi apresentado novamente o comando com a tarefa a ser executada: “*Você irá ouvir conjuntos de manchetes lidos por uma candidata a apresentadora de jornal de TV em uma das etapas da seleção. Ao final de cada conjunto, você irá avaliar, de acordo com a escala apresentada, se você considera que a candidata está apta para a função pretendida.*”

Lista 1:
Bloco 1 - Tepe
Aquecimento global em xeque: China registra recorde de 52,2°C e John Kerry vai a Pequim debater questões crimáticas .
Ferrovia, várias pistas e ataques prévios: saiba como é a ponte da Crimeia alvo de exposões .
Giro verde: Entenda como grandes empresas têm transformado o refrorestamento em um negócio promissor.
Alzheimer: Novos dados pubricados indicam que medicamento retardou avanço da doença em pacientes no estágio inicial da patologia.
Bloco 2 - Controle
Em 40 anos, milícia mudou de cara e se aliou ao tráfico; entenda o vaivém do crime organizado no RJ.
Onda de calor no Brasil: o que acontece com o corpo sob altas temperaturas.
Novo campeão? Após gafe, Abel Ferreira convida Guardiola para jantar e conhecer o Palmeiras.
RJ alega mais de 4.200 desaparecidos em 9 meses; é o maior número em 7 anos, diz Instituto de Segurança Pública.
Bloco 3 - Fricativa posterior
Oscar: Filme ganhador, “Tudo em todo o lugar ao mehmo tempo”, trouxe questões de imigração e tolerância, diz crítica de cinema.
Esporte: Flamengo pode trazer mais 2 reforços e montar um verdadeiro fehtival na Liga Nacional Brasileira.

Pior impacto dehde 2020: ciclone chegou a deixar 10% das unidades consumidoras de Santa Catarina sem energia.
Inclusão: Mulher portadora de deficiência felihmente consegue autorização para seu cão acompanhar seu parto no Reino Unido.
Bloco 4 - Controle
Secretário diz que ataques a ônibus são 'gravíssimos', mas avisa que é cedo para mudar a integração das polícias no RJ.
Do lado de lá: Europa sofre com recorde de neve e temperaturas abaixo de zero.
Perdeu para ele próprio: Botafogo comete série de erros e está fora do G4.
Ano de contenção: veja cinco enfeites caseiros e baratos para sua árvore de Natal.
Bloco 5 - Vogal oral
Mundo agora: Na Polinésia Francesa, homi e cadela são resgatados após dois meses à deriva no Pacífico; veja vídeo.
Confira: Segundo maior do mundo, tubarão-elefante é fotografado em Portugal e imagi bomba nas redes.
'Sem vaga não': Moradores de Copacabana fazem protesto contra construção de prédios sem garagi .
Educação: Só 12% das escolas têm computador instalado na sala de aula; porcentagi assusta educadores.

Fonte: elaboração própria

Lista 2:
Bloco 1 - Fricativa posterior
Médica agredida por pai e filha em farmácia do Rio dehmaiou e teve 5 lesões, diz laudo.
Pomada de cabelo causa cegueira temporária e Anvisa dehliga componente do mercado de beleza por tempo indefinido.
Má qualidade de sono cahtiga a melhora de doenças crônicas, diz estudo.
Loja de BH é condenada a indenizar duah mil pessoas que receberam celulares falsificados a preço de originais.
Bloco 2 - Controle

Em 40 anos, milícia mudou de cara e se aliou ao tráfico; entenda o vaivém do crime organizado no RJ.
Onda de calor no Brasil: o que acontece com o corpo sob altas temperaturas.
Novo campeão? Após gafe, Abel Ferreira convida Guardiola para jantar e conhecer o Palmeiras.
RJ alega mais de 4.200 desaparecidos em 9 meses; é o maior número em 7 anos, diz Instituto de Segurança Pública.
Bloco 3 - Vogal oral
De crime a arte: conheça a história da grafitagi nas periferias de São Paulo.
Lei garante passagi gratuita no transporte público para acompanhante de pessoas com deficiência em Pernambuco.
Novo tempo: TSE foca combate à desordi informacional e amplia ação contra fake news.
Temperaturas vão cair em quase todo o Brasil e Inmet prevê forte friagi em áreas agrícolas.
Bloco 4 - Controle
Secretário diz que ataques a ônibus são 'gravíssimos', mas avisa que é cedo para mudar a integração das polícias no RJ.
Do lado de lá: Europa sofre com recorde de neve e temperaturas abaixo de zero.
Perdeu para ele próprio: Botafogo comete série de erros e está fora do G4.
Ano de contenção: veja cinco enfeites caseiros e baratos para sua árvore de Natal.
Bloco 5 - Tepe
Tentativa de infanticídio: Tabret expõe funcionária de creche agredindo menina de 5 anos com Down e pai faz denúncia.
Futebol: Sequência pesa e Framengo sofre para se manter competitivo no segundo tempo de jogo clássico, veja vídeos.
Queda no preço da pruma de algodão preocupa agricultores em Mato Grosso; entenda o que isso causa no desenvolvimento das lavouras.
Crianças são internadas após desafio de mascar chicrete picante viralizado nas redes sociais.

Fonte: elaboração própria

Lista 3:
Bloco 1 - Vogal oral
'Tinder do turismo': app brasileiro ajuda a achar companheiros de viagi pelo mundo.
A 12 pontos do vice, Botafogo abre vantagi nunca superada no Brasileirão; veja lista.
Família: Mãe traz reflexões sobre esse amor que transforma: “ Onti estava no meu colo, hoje já corre o mundo.”
Jovem estadunidense aluga casa e encontra sótu cheio de itens perturbadores, entenda o caso.
Bloco 2 - Controle
Em 40 anos, milícia mudou de cara e se aliou ao tráfico; entenda o vaivém do crime organizado no RJ.
Onda de calor no Brasil: o que acontece com o corpo sob altas temperaturas.
Novo campeão? Após gafe, Abel Ferreira convida Guardiola para jantar e conhecer o Palmeiras.
RJ alega mais de 4.200 desaparecidos em 9 meses; é o maior número em 7 anos, diz Instituto de Segurança Pública.
Bloco 3 - Fricativa posterior
Preparador físico se pronuncia ao tentar negar ato racista, mah não foi possível em meio às evidências gravadas; entenda o caso.
Mundo animal: Cobra “ predehtinada ” vira atração em Promissão, SP; população local diz que animal é milagroso e vidente.
Cão selvagem é capturado dentro de residência familiar em bairro de São Sebastião do Paraíso, MG; Residentes afirmam que o animal gohtaria de criar laços com seus animais de estimação.
Contato exterior? Entenda o que é o produto metálico que apareceu atráh de plantação no Japão, segundo oceanógrafo.
Bloco 4 - Controle
Secretário diz que ataques a ônibus são 'gravíssimos', mas avisa que é cedo para mudar a integração das polícias no RJ.
Do lado de lá: Europa sofre com recorde de neve e temperaturas abaixo de zero.
Perdeu para ele próprio: Botafogo comete série de erros e está fora do G4.
Ano de contenção: veja cinco enfeites caseiros e baratos para sua árvore de Natal.

Bloco 5 - Tepe
Nova lei: Restaurantes do Rio deverão ter praca de atendimento prioritário para idosos, gestantes e mais clientes preferenciais.
Justiça nega habeas corpus a indivíduo que furtou brusa de frio de 55 reais em São Paulo; homem se encontra em situação de rua.
Dívida futebolística: Fruminense renova com destaque do sub-20 e multa passa dos R\$ 430 milhões.
Foliões e banheiros químicos são arrastados pela correnteza da chuva em desfile de broco de rua na Zona Norte do Rio.

Fonte: elaboração própria

Lista 4:
Bloco 1 - Controle
Em 40 anos, milícia mudou de cara e se aliou ao tráfico; entenda o vaivém do crime organizado no RJ.
Onda de calor no Brasil: o que acontece com o corpo sob altas temperaturas.
Novo campeão? Após gafe, Abel Ferreira convida Guardiola para jantar e conhecer o Palmeiras.
RJ alega mais de 4.200 desaparecidos em 9 meses; é o maior número em 7 anos, diz Instituto de Segurança Pública.
Bloco 2 - Fricativa posterior
Homem é detido por ameaçar vizinho após briga por som alto e ainda mahtiga orelha da vítima no confronto; indivíduo diz que se baseou em filme.
Chocante: Policial militar da Bahia aparece em um vídeo xingando paciente de “ dehgraçado ” dentro do Hospital Municipal, em Salvador.
Ministro cihmou com o atual comando da Petrobras, acusando-o de negligência com política de gás; veja seus argumentos.
Inovação ou exploração? YouTuber quebra recorde ao construir maior colmeia do mundo; prática fah mal ao equilíbrio da fauna e da flora.
Bloco 3 - Controle
Secretário diz que ataques a ônibus são 'gravíssimos', mas avisa que é cedo para mudar a integração das polícias no RJ.
Do lado de lá: Europa sofre com recorde de neve e temperaturas abaixo de zero.
Perdeu para ele próprio: Botafogo comete série de erros e está fora do G4.

Ano de contenção: veja cinco enfeites caseiros e baratos para sua árvore de Natal.
Bloco 4 - Tepe
Futebol: Com Pedro Raul de saída, crube vascaíno busca opção no mercado e tem alternativas caseiras.
Projeto que facilita parcelamento de débito é aprovado em comissão: veja como o Simpres Nacional foi facilitado para pequenas empresas.
De monitores de sono até medicamentos para ficar acordado: entenda a radical infruência da tecnologia no sono das pessoas.
Melhora telefônica ou descaso empresarial? Vivo, Tim e Craro discutem fim do whatsapp ilimitado devido ao alto custo do 5G.
Bloco 5 - Vogal oral
Polícia prende 10 e recupera prédio invadido por bandidos no Complexo da Penha e no Quitungo; bandidagi cresce nas redondezas.
Medida provisória: Deputados aprovam emenda que restabelece despacho gratuito de bagagi em voos domésticos.
Imunização geral: Devido à baixa taxa de adesão, mais uma repescagi de vacinação contra influenza é realizada no Boulevard Shopping e no Centro Glauber Rocha.
Encerramento do curso de arbitragi em Voleibol qualifica profissionais para o desenvolvimento do esporte na região, veja vídeos.

Fonte: elaboração própria

Os itens lexicais que compuseram os estímulos com a fricativa posterior foram atestados na amostra do estudo de Melo (2017). Há itens com a coda (s) em posição interna com o contexto favorável à fricativa posterior (consoante vozeada – p. ex. *dehde* e *mehmo*) e de ocorrência desses itens com essa variante não foi considerada nesta pesquisa. Todos itens com a coda (s) em final de palavra foram seguidos de contexto favorável à consoante fricativa posterior. Os itens lexicais utilizados para as outras duas variantes foram selecionados do conjunto nos experimentos de Gomes *et al.* (2022) e Silva (2022). Embora os itens com a vogal oral e o rotacismo variem em alta e baixa frequência, novamente, tal característica não foi controlada na presente pesquisa.

As sentenças controle dos blocos que intercalam os blocos com as variantes em estudo são também estímulos experimentais que se caracterizam por não conter qualquer variante de qualquer variável linguística do português brasileiro (PB) com possibilidade de avaliação negativa no contexto situacional do experimento. Assim, as respostas a esses

estímulos também serão consideradas na análise, pois permitem observar o comportamento dos participantes na ausência de variantes que podem ser objeto de avaliação negativa ou não adequada ao contexto situacional do experimento.

Após cada bloco, uma escala de 1 a 5, com as caracterizações expostas a seguir, apareceu na tela. A tarefa consistiu em optar por um dos cinco valores da escala. Ao todo, cada participante opinou sobre 5 blocos, em cada lista. É importante lembrar que as listas possuíram ordens distintas de apresentação dos estímulos de cada variante, a fim de verificar se a ordem afetaria nas escolhas dos participantes, já que a ordem de apresentação poderia ter efeito na ativação de expectativas sobre a falante. Por exemplo, começar a lista com estímulos de controle (sem variantes estratificadas socialmente) pode gerar um tipo de expectativa diferente da lista que inicia com a apresentação de manchetes que incluem item lexical produzido com o tepe em onset complexo.

Figura 1 – Escala de avaliação

1	CERTAMENTE NÃO
2	PROVAVELMENTE NÃO
3	TALVEZ
4	PROVAVELMENTE SIM
5	CERTAMENTE SIM

Fonte: elaboração própria

A escala apresentada é um modelo de avaliação com cinco níveis que busca mensurar a intensidade da concordância ou da discordância em relação à afirmação sobre ser aceitável ou não a performance da falante para o cargo de âncora de jornal. Essa escala é útil em diversos contextos, como pesquisas, questionários, avaliações de opinião, entre outros. O objetivo principal é capturar uma gama de respostas, variando da certeza absoluta ("certamente sim") à negação total ("certamente não"), permitindo uma análise mais detalhada e matizada das atitudes ou percepções dos indivíduos à vista de um contínuo.

No primeiro nível, "certamente não", a resposta indica uma negativa forte, refletindo uma certeza total de que a candidata não está apta para a função pretendida. Relacionando a escala proposta aos conceitos de variação linguística, podemos observar que esse nível pode

ser visto como um estigma linguístico forte, no sentido de que reflete uma forma de rejeição categórica e uma marca negativa. Em muitos contextos sociais, como o de âncora de jornal, o uso de certas palavras ou formas linguísticas pode carregar um forte estigma, algo que é de forma absoluta ou firmemente desacreditado. A resposta "certamente não" reflete essa rejeição sem espaço para ambiguidades ou nuances. Por outro lado, "certamente sim", o Nível 5, representa uma concordância absoluta, na qual o participante tem plena confiança na afirmação de que a candidata está, sim, apta para a função pretendida, sendo um indicativo claro de que pode ser associado ao oposto do estigma forte, ou seja, de que a aceitação plena ocorre sem restrições. Na variação linguística, isso se traduz no reconhecimento e na valorização de uma determinada maneira de falar. Esses dois extremos da escala fornecem pontos de referência bem definidos para as avaliações.

Entre essas duas extremidades, 1 e 5, há níveis intermediários que capturam a incerteza ou a probabilidade de uma situação. O Nível 2, "provavelmente não", indica uma tendência negativa, mas sem a certeza total que caracteriza o "certamente não". O participante pode ter algumas reservas ou ainda considerar outros aspectos de forma não contundente. De maneira similar, o Nível 4, "provavelmente sim", sugere uma inclinação positiva forte, mas com alguma margem de incerteza, o que pode ocorrer quando o avaliador considera a afirmação ou situação favorável, porém ainda não totalmente conclusiva. Já o Nível 3, "talvez", atua como o ponto neutro, refletindo uma ausência de certeza, cuja decisão está em equilíbrio, sem uma inclinação clara para um lado ou outro. No contexto da variação linguística, pode ocorrer que uma determinada forma de falar seja aceita em alguns eventos de fala, mas não em outros, como o de um jornal.

Sumarizando, a escala de avaliação proposta permite identificar como a avaliação das variantes se situa em um contínuo, de maneira que o Nível 1 significa rejeição forte, portanto, estigma, enquanto o Nível 5 indica aceitação plena, portanto, total adequabilidade ao contexto comunicativo do jornal de TV. Entre esses dois pólos, os níveis intermediários podem permitir capturar nuances nas respostas, o que pode proporcionar resultados mais precisos sobre o comportamento, a percepção ou a atitude dos indivíduos em relação ao nosso objeto de estudo.

4.2. Os participantes

O experimento do presente estudo contou com 42 participantes no total, porém dois foram descartados por terem respondido todos os blocos com o mesmo valor da escala. Assim, restaram 40 participantes, e cada lista contou com 10 indivíduos, distribuídos em 29 mulheres e 11 homens, todos estudantes dos períodos iniciais do curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e todos cidadãos cariocas.

4.3 Metodologia de análise dos dados

Os métodos estatísticos foram obtidos através do *Pacote R* e do *Jamovi*, softwares gratuitos utilizados para tratamento estatístico dos dados, e o experimento foi montado no Psychopy. As listas foram atribuídas alternativamente por ordem de chegada dos participantes. A aplicação se deu de forma individual. As instruções foram apresentadas no computador, de maneira que cada participante leu a tela com as instruções e apertou a barra de espaço para a continuação do experimento. Após ouvir cada bloco, de treino e experimental, aparecia a escala para resposta mediante clique no mouse, e novamente o procedimento era repetido até esgotar os blocos da lista. Assim, o número de participantes por lista foi controlado no momento da aplicação do experimento. O design do experimento pretendeu captar nuances de avaliação social acerca de variantes de diferentes variáveis e, após isso, identificar se as variantes dessas variáveis podem ser organizadas em uma escala contínua de valores sociais, qual suas posições nessa escala.

5. RESULTADOS

Os resultados obtidos serão apresentados em dois blocos. Primeiramente, uma análise descritiva das respostas por variante, seguida da análise estatística com base nas variáveis explicativas de efeito fixo variante do estímulo e lista (ordem de apresentação) e participantes como efeito aleatório. Essa apresentação espelha o trabalho de análise realizado para entender as respostas. O experimento contou com a participação de 40 estudantes universitários de períodos iniciais da UFRJ, campus Fundão/Faculdade de Letras. Todos os gráficos seguem a ordem das listas, isto é, de 1 a 4, definidas de acordo com a disposição de apresentação das variantes previamente exposta no capítulo anterior. Retomando, as ordens das listas foram as seguintes:

(1) Lista 1: tepe – controle – fricativa posterior – controle – vogal oral

Lista 2: fricativa posterior – controle – vogal oral – controle – tepe

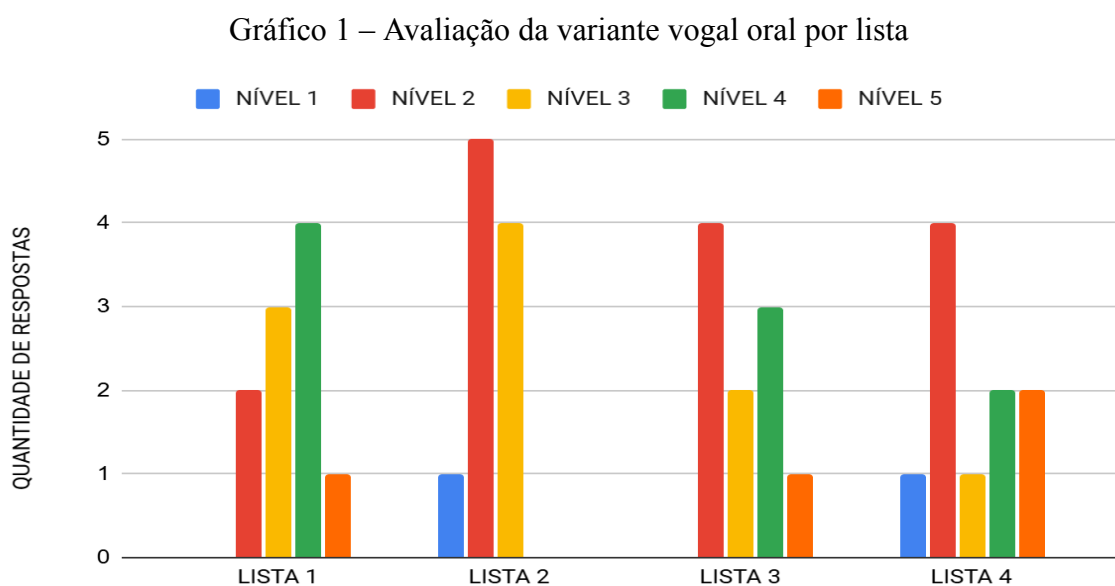
Lista 3: vogal oral – controles – fricativa posterior – controles – tepe

Lista 4: controles – fricativa posterior – controles – tepe – vogal oral

5.1. Análise descritiva

5.1.1. Estímulos com a vogal oral

O Gráfico 1 a seguir apresenta a distribuição das respostas em cada lista para os estímulos da variante vogal oral.



Fonte: elaboração própria

Ao analisarmos a avaliação da vogal oral na Lista 1, em que é apresentada no último bloco, são observadas respostas no Nível 4 (“provavelmente sim”) com 4 escolhas, e nível 5 (“certamente sim”), 1 escolha, que constituem metade das respostas a essa lista no polo positivo de adequação ao cargo de apresentadora de TV. Há três respostas situadas no Nível 3, o nível que expressa incerteza e apenas 2 respostas no Nível 2, o que pode indicar uma aceitação moderada da variante em questão no contexto de fala do experimento.

A ausência de escolhas no Nível 1 e a baixa escolha no Nível 5 são indicativos de que os participantes não avaliaram a vogal oral de forma tão polarizada, rejeitando-a completamente ou aceitando-a de forma absoluta. Isso sugere que, a vogal oral no contexto de fala que, a princípio, levaria ao uso de um ditongo nasal, nos itens lexicais dos estímulos, foi considerada de forma mais aceitável e flexível, sem se adotar uma posição definitiva no extremo mais baixo da escala.

Na Lista 2, a vogal oral é apresentada logo após a fricativa posterior. Observa-se que as respostas se concentraram no Nível 2 (“provavelmente não”), com 5 escolhas, o nível mais escolhido, o que sugere que a maioria dos participantes optou por uma resposta do polo negativo, porém moderadamente negativa, e não totalmente rejeitiva. Essa escolha indica que sentenças com a vogal oral foram analisadas, pelos participantes que responderam essa lista, como algo que não se encaixa perfeitamente no contexto proposto, mas sem ser totalmente inaceitável já que a quantidade de escolhas para o Nível 3 (“talvez”), 4 respostas, sugere que, embora o Nível 2 tenha sido a escolha predominante, uma parte significativa dos participantes se manteve indecisa sobre a adequabilidade da variante no contexto de fala. Este nível indica uma disposição para considerar a variante como uma possibilidade, mas sem um julgamento definitivo, o que pode refletir a complexidade de avaliar essa variante, que pode ser aceitável em certos contextos, mas não em todos, como é o caso da alta tensão comunicativa em análise. A ausência de escolhas nos Níveis 4 e 5 é um dado relevante, pois revela que os participantes que responderam a essa lista não aceitaram a variante na situação comunicativa proposta no experimento.

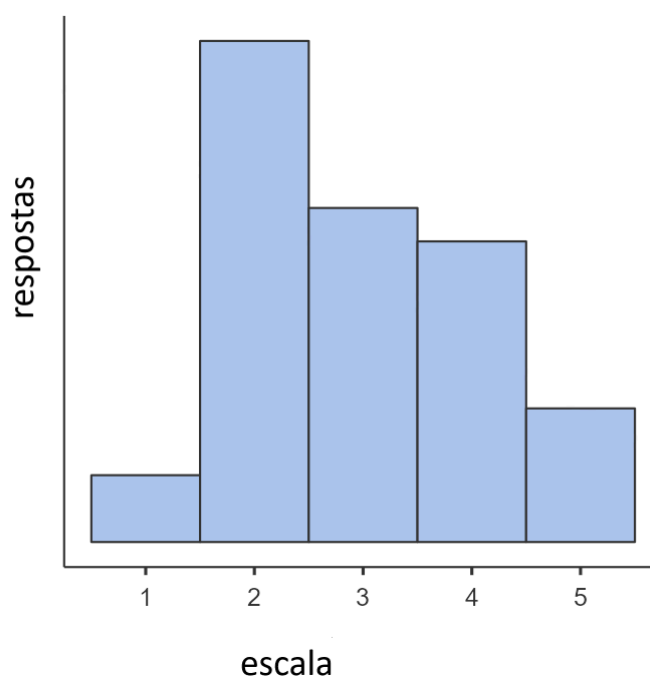
Agora, ao focalizarmos a Lista 3, é notório que o Nível 2, com 4 escolhas, novamente foi o mais escolhido entre os participantes. Isso sugere que mais uma vez a maioria dos participantes considerou a variação linguística em questão como algo não aceitável, mas não totalmente rejeitado. O Nível 4 (“provavelmente sim”), com 3 escolhas, e o Nível 3

(“talvez”), com 2 escolhas, apresentam um número considerável de respostas, refletindo uma aceitação moderada.

Por fim, na Lista 4, o Nível 2, com 4 escolhas, foi o mais escolhido pelos participantes pela terceira vez, sugerindo que a maior parte das pessoas percebe a variante em questão como algo não desejável para uma âncora/apresentadora de jornal de TV. Os Níveis 4 e 5, com 2 escolhas cada, refletem uma aceitação de moderada a forte da vogal oral para alguns participantes deste grupo. Considerando o conjunto de respostas, observou-se apenas 2 respostas indicando o nível 1 e 4 respostas no nível 5. As escolhas do nível 5 se dão nas listas em que a vogal oral é apresentada depois das variantes tepe e fricativa posterior ou é está no primeiro bloco apresentado. As poucas respostas no nível 1 indicam que não houve tendência à rejeição total da vogal oral.

A Figura 2 a seguir apresenta a distribuição do total das respostas sem considerar as listas.

Figura 2 – Histograma do total de respostas para a variante vogal oral



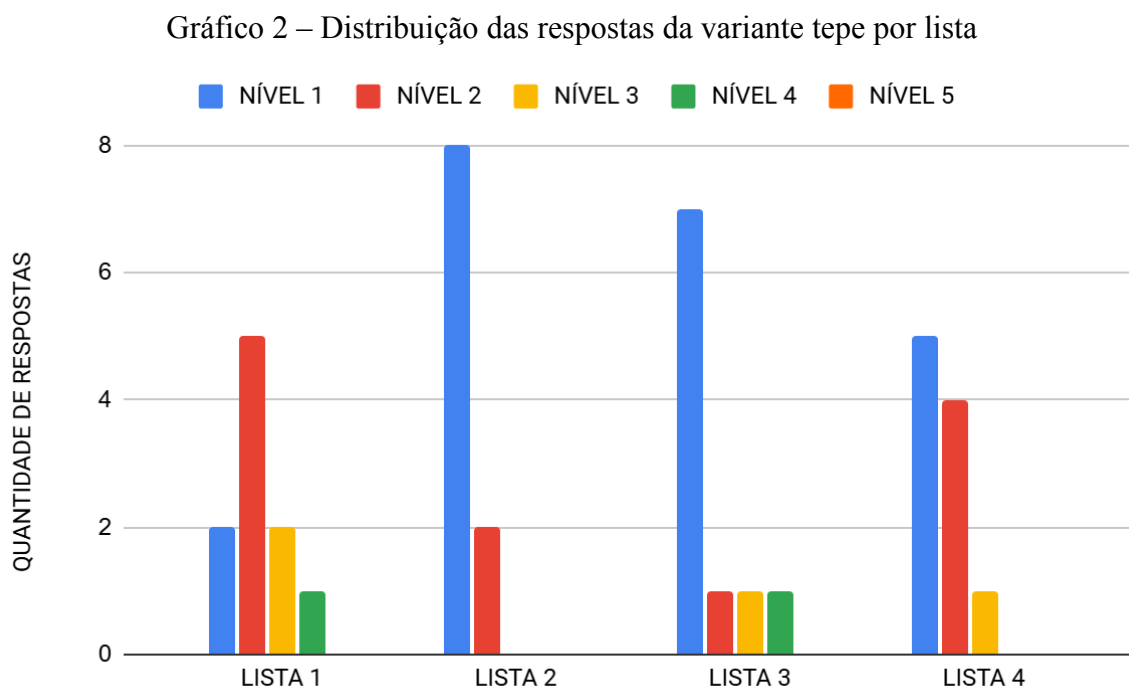
Fonte: elaboração própria

Assim, como dito anteriormente, na análise do gráfico com as respostas por lista e o histograma com a distribuição geral das respostas, observa-se uma concentração de respostas

no nível 2, total de 15, seguido de um total de 10 respostas no nível 3, e 9, no nível 4, o que aponta para uma avaliação de aceitação moderada da variante analisada, nem plenamente rejeitada e nem plenamente aceita.

5.1.2. Estímulos com o tepe em onset complexo

O Gráfico 2 a seguir apresenta a distribuição das respostas em cada lista para os estímulos da variante tepe em onset complexo.



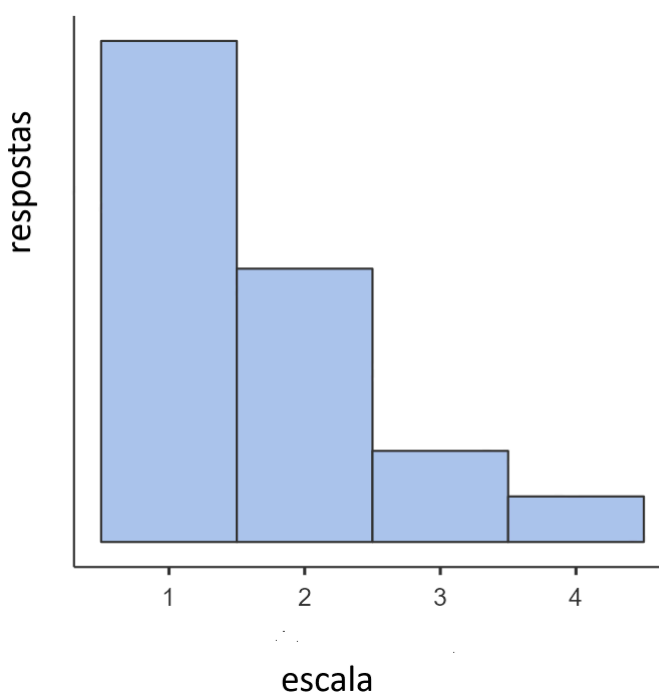
Fonte: elaboração própria

Diferentemente do observado nas respostas para a vogal oral, as respostas de avaliação do tepe em onset complexo se concentraram no polo negativo da escala, no nível 1 e 5, no nível 2. Também, diferentemente do observado para a vogal oral, nas Listas 2, 3 e 4, há predominância da opção 1, rejeição total (“certamente não”) sobre as demais respostas, embora em graus diferentes. Como visto na seção de revisão da literatura presente neste trabalho, essa variante é associada a perfil socioeconômico baixo, em dados de percepção em Gomes *et al.* (2022) e é ausente em dados de produção espontânea em falantes com Ensino Médio e classe média, respectivamente, em Gomes e Paiva (2002) e Gomes (2022). Consequentemente, possui um alto valor de estigma e, por isso, mais fortemente percebida no contexto de fala jornalística.

Registre-se também a ausência de respostas no nível 5 em todas as listas. O total de respostas nos níveis 3 e 4, ausentes na Lista 2, correspondem a 15% das 40 respostas, em um total de 6. De acordo com o gráfico, observa-se que a avaliação dos estímulos com o tepe segue a mesma tendência em todas as listas, isto é, independentemente da ordem em que foram apresentados aos participantes. É importante ressaltar que o Gráfico 2 possui teto máximo de 8 no eixo Y porque obteve 8 respostas para um mesmo nível, diferentemente do Gráfico 1, que obteve o máximo de 5 respostas para um mesmo nível.

A Figura 3 a seguir apresenta o histograma com as respostas agrupadas independentemente da lista em que ocorreram.

Figura 3 – Histograma do total de respostas para o tepe em onset complexo



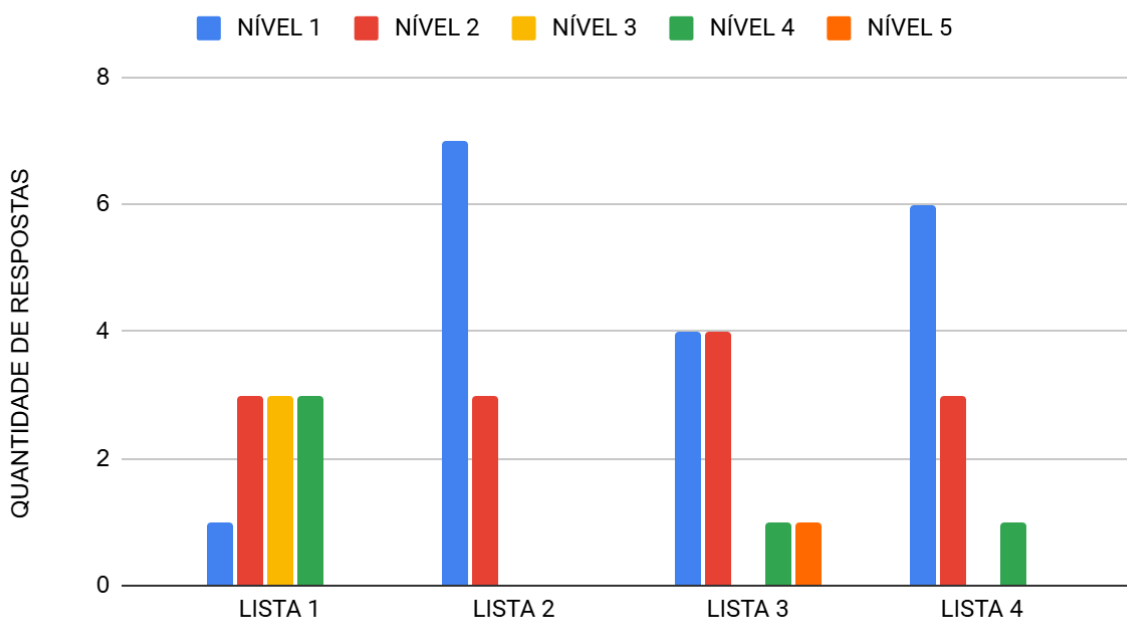
Fonte: elaboração própria

Em suma, o histograma e os resultados apresentados no Gráfico 2 indicam que os participantes são, em sua maioria, resistentes a aceitar ou endossar o rotacismo no contexto de fala do experimento. A preferência pela rejeição clara e assertiva do rotacismo, observada na concentração de respostas nos Níveis 1 e 2 é indicativa de que, em comparação com os resultados apresentados para a vogal oral, o rotacismo pode ser situado no polo de estigma do contínuo de valores sociais.

5.1.3. Estímulos com a fricativa velar/glotal

O Gráfico 3 a seguir apresenta a distribuição das respostas em cada lista para os estímulos da variante fricativa posterior em posição de coda.

Gráfico 3 – Distribuição das respostas da variante fricativa posterior por lista



Fonte: elaboração própria

Com relação à distribuição das respostas na Lista 1, em que o bloco com a variante fricativa posterior aparece depois do bloco dos estímulos com tepe no onset complexo, observa-se uma distribuição semelhante de 3 respostas nos níveis 2 ("provavelmente não"), 3 ("talvez"), e 4 ("provavelmente sim"), e apenas 1 resposta no nível 1. Essa configuração sugere uma aceitação moderada da variante fricativa posterior em posição de coda, semelhante à tendência de avaliação da vogal oral que alterna com o ditongo nasal.

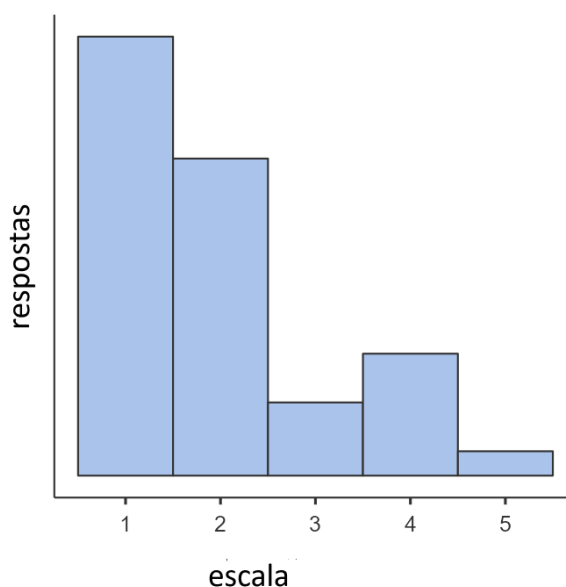
A distribuição das respostas nas Listas 2, 3 e 4 segue a mesma tendência de concentração da maioria das respostas nos níveis 1 e 2, o que indica rejeição da variante no contexto de apresentação de jornal de TV. Esse perfil se assemelha ao dos estímulos com o tepe em onset complexo, cujas respostas, no entanto, se concentraram nesse polo do contínuo em todas as listas. Observe-se que, nas Listas 2, 3 e 4, o bloco de sentenças com itens lexicais produzidos com a fricativa posterior é apresentado sempre antes dos estímulos com o tepe em onset complexo. É possível que a ordem de apresentação dessas listas torne a variante mais evidente, ao passo que ouvir tepe em onset complexo antes, claramente um estereótipo de

status socioeconômico, tenha um efeito de atenuação em relação às variantes que vêm depois. Ainda, é importante registrar a ausência de respostas no Nível 5 em todas as listas, conforme também foi observado para os estímulos com rotacismo.

Em resumo, a distribuição das escolhas no gráfico aponta para uma postura majoritariamente negativa em relação à variante em coda no contexto de fala do experimento. A combinação do alto número de escolhas para os Níveis 1 e 2, junto com a baixa escolha para os Níveis 3, 4 e 5, revela que os participantes não veem essa variante como algo adequado ou desejável para o contexto solicitado. A rejeição à variante, embora não total em todos os casos, é predominante, com pouca aceitação ou flexibilidade para a adoção dessa alternativa sonora. A postura rejeitiva dos participantes sugere que o uso dessa variante pode ser visto como desvio das normas linguísticas mais amplamente aceitas em contextos de alta visibilidade e formalidade, isto é, com alta tensão comunicativa, como a comunicação televisiva de programa jornalístico.

A Figura 4 a seguir apresenta o histograma com as respostas agrupadas independentemente da lista em que ocorreram.

Figura 4 – Histograma das respostas para a fricativa posterior



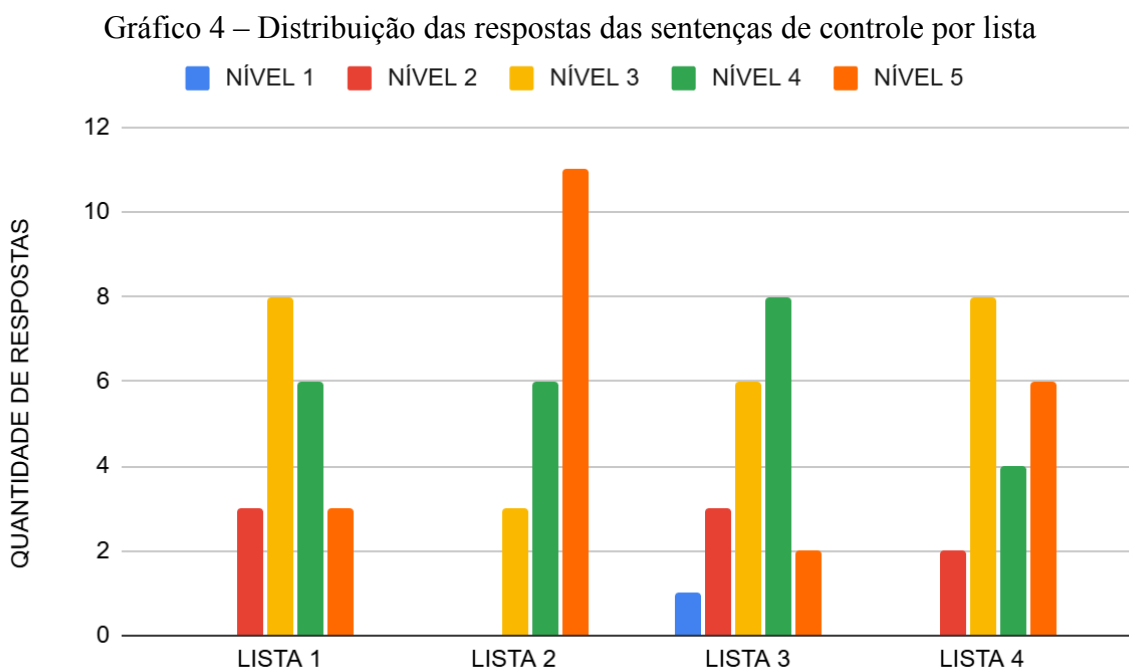
Fonte: elaboração própria

Conforme pode ser observado no histograma, as respostas agrupadas apresentam um perfil de rejeição da variante no contexto de fala jornalística. Em resumo, a análise do gráfico

com as quatro listas e a distribuição observada no histograma revelam uma rejeição geral à fricativa posterior em coda em contextos de alta tensão comunicativa, como o ambiente de uma apresentadora/âncora de jornal de TV. A variante é percebida e marcada, de maneira ampla, como inadequada para o contexto comunicativo em questão. No entanto, registre-se a tendência observada nas respostas da Lista 1, em que as respostas seguem um padrão distinto à tendência observada nas outras listas e também diferente da tendência geral observada no histograma com as respostas de todas as listas agrupadas.

5.1.4. Estímulos com as sentenças de controle

Em um experimento linguístico, as sentenças de controle são aquelas inseridas intencionalmente no conjunto de estímulos com o objetivo de desviar a atenção dos participantes, tornar a tarefa mais natural e menos previsível ou ainda controlar um objetivo. Em relação à presente pesquisa, as sentenças controle contribuem na coleta de dados para atingir o objetivo central da pesquisa, ao desempenharem um papel importante na observação pretendida das variantes estudadas, porque elas podem servir de base de comparação na situação em que a falante dos estímulos pode ser avaliada quando não produz quaisquer das variantes observadas ou outras que podem não ser consideradas adequadas como, por exemplo, ausência de marca formal de plural de nomes e de verbos, semivogal que alterna com lateral palatal em onset, por exemplo. Por esta razão, as respostas para os blocos de sentenças controle também serão analisadas a seguir.

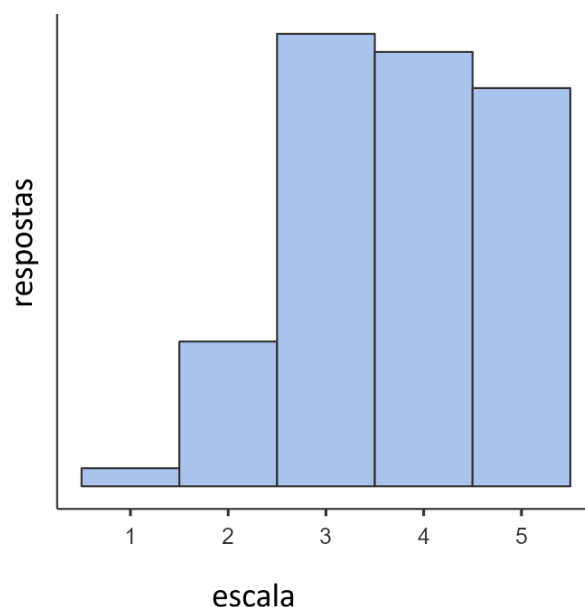


Fonte: elaboração própria

Conforme mencionado na metodologia, os blocos de sentenças com as variantes, em todas as listas, foram intercalados com os das sentenças controle (ver seção 4.1.). Na Lista 1, observa-se a predominância de respostas no Nível 3 ("talvez"), que foi escolhido 8 vezes, no total de 20 respostas, seguido das respostas no Nível 4 ("provavelmente sim"), 6 respostas, e 3 no nível 5 ("certamente sim"). O padrão da Lista 1, para as de controle, difere do observado nesta Lista para as variantes, considerando as especificidades observadas para cada uma delas. Quanto às respostas da Lista 2, estas se concentraram nos níveis 4 e 5, com predominância no Nível 5. Nas Listas 3 e 4, há uma dispersão maior das repostas, como na Lista 1, porém com concentração das respostas nos Níveis 4 e 5, superando o número de respostas no Nível 3, mesmo quando este é o com mais respostas na Lista, como na Lista 1 e na Lista 4. Esses resultados são indicativos de que, na ausência de variantes sujeitas a estratificação social por escolaridade ou classe social, a avaliação dos blocos de estímulos com as sentenças de controle foi a única que atribui claramente adequabilidade da falante para a posição de apresentadora/âncora de jornal de TV, considerando as tendências observadas para as variantes em estudo.

A Figura 5 a seguir apresenta o histograma com as respostas agrupadas independentemente da lista em que ocorreram.

Figura 5 – Histograma das respostas para as sentenças de controle



Fonte: elaboração própria

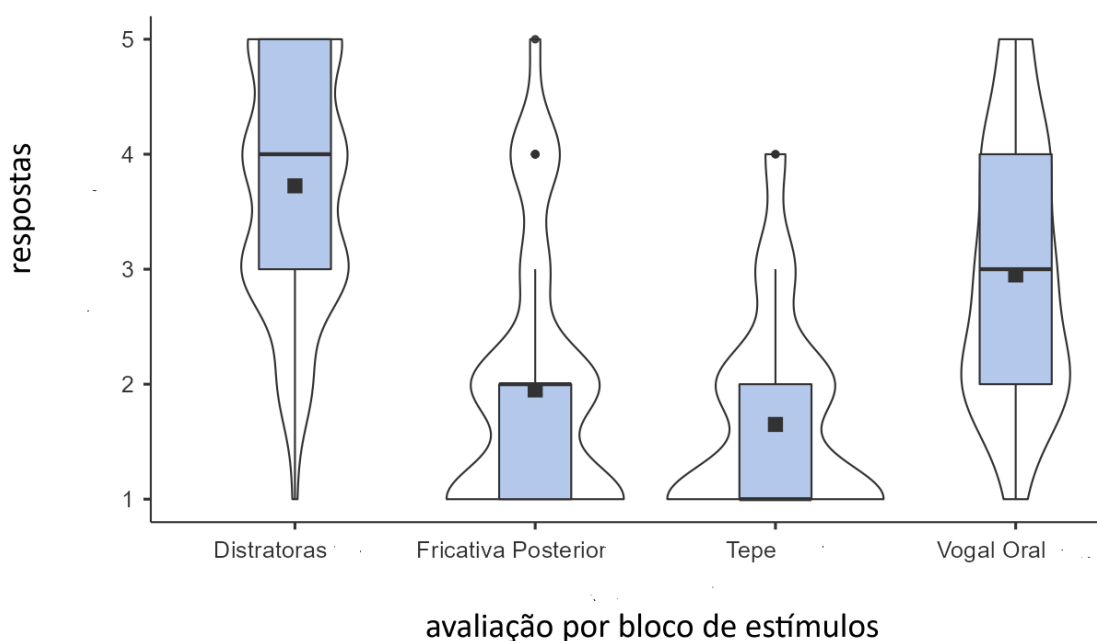
A distribuição das respostas agrupadas de todas as listas, conforme no histograma, mostra a tendência geral observada no Gráfico 4, a de predominância das respostas no Nível

4 e no Nível 5. A concentração de respostas nos Níveis 4 e 5 constitui um padrão bastante distinto do observado para os estímulos-alvo, indicando que a ausência de variantes com algum grau de estigma situa a produção da falante dos estímulos no patamar de adequabilidade à função pretendida, que envolve monitoramento de variantes que possam comprometer a imagem que normalmente se espera ou se atribui à função: pessoa com escolaridade alta provavelmente, mas, principalmente, cumprindo a função de reprodutora de padrões de prestígio linguístico ao excluir de seu repertório linguístico formas que tenham algum grau de marcação social na variedade em que se insere o programa.

5.1.5. Comparando as respostas das variantes e das sentenças de controle

Com o objetivo de buscar identificar o grau de diferença na avaliação das variantes em estudo com base no experimento proposto, apresentamos a seguir (Figura 6) a distribuição das respostas por blocos de estímulos de cada variante, utilizando a conjugação de boxplot e violino. Os pontos indicam os outliers, os quadrados e as médias.

Figura 6 – Boxplot comparativo das respostas por bloco de estímulos



Fonte: elaboração própria

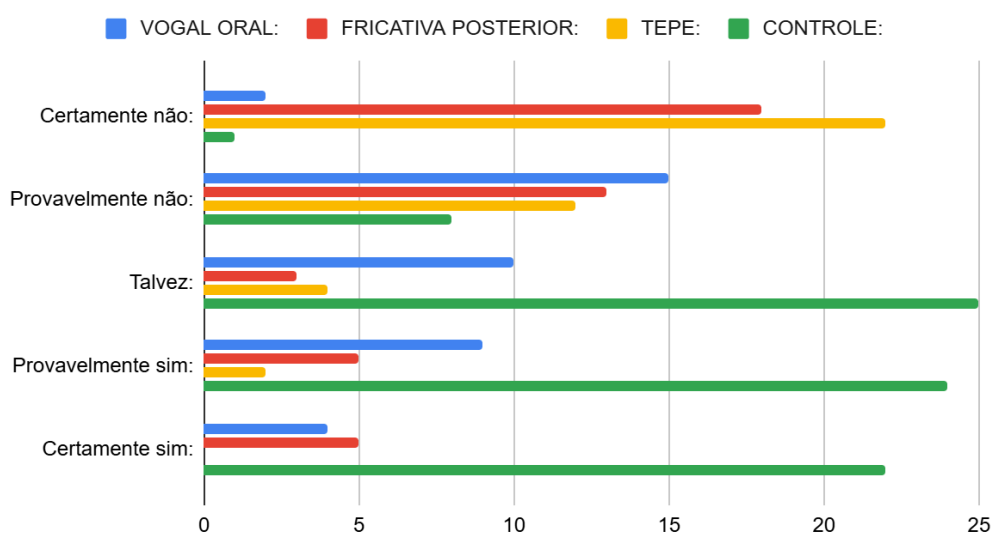
As médias obtidas foram as seguintes: controle – 3,73; fricativa posterior – 1,95; tepe – 1,65; vogal oral – 2,95. As linhas nos boxplot indicam o 2º quartil, o valor das medianas, a saber: controle – 4; fricativa posterior – 2; tepe – 1; vogal oral – 3. A mediana é o número

central de uma lista de dados organizados de forma crescente ou decrescente, sendo, portanto, uma medida de tendência central ou de centralidade. Já a média é obtida através do somatório das respostas dividido pelo número de respostas. Sendo assim, a média é influenciada por todos os valores da amostra. Ou seja, se houver valores muito discrepantes, o valor da média é alterado.

Conforme se observa na Figura 6, as respostas para os blocos com as sentenças de controle apresentam média e mediana superior às demais, no polo de avaliação positiva da adequabilidade da falante ao trabalho pretendido. As respostas para os blocos com a fricativa posterior apresentam média e mediana bem abaixo das de controle, com concentração no polo de avaliação negativa da adequabilidade das falantes no contexto de fala do experimento, o que também se observa para as respostas dos blocos com o tepe em onset complexo. Já médias e a mediana das respostas para os blocos das sentenças com vogal oral ocupam uma posição intermediária em relação às de controle e às outras duas variantes. As médias mais próximas são as relacionadas ao tepe e à fricativa posterior. As medianas apontam diferentes tendências de centralidade. A seção a seguir traz a análise estatística inferencial com o objetivo de verificar em que medida as diferenças de distribuições das respostas, observadas na análise descritiva para cada variante, de cada variante por lista e comparadas entre si são estatisticamente significativas.

O Gráfico 5 a seguir sintetiza os resultados anteriores, corroborados pela análise estatística, ao agruparmos as respostas para cada variante por nível da escala:

Gráfico 5 – Quantidade total de respostas de cada variante por nível



Fonte: elaboração própria

O objetivo do grupamento apresentado no gráfico é permitir a comparação das respostas por nível da escala. No Nível 1 (“certamente não”), da rejeição absoluta, observa-se a predominância de respostas para as variantes fricativa posterior e tepe, sendo o tepe a variante que teve mais respostas 1. Isso sugere que esses fenômenos são frequentemente percebidos de forma negativa, não sendo aceitos no contexto social estudado e refletindo estigmas sociais que recaem sobre essas variantes. No Nível 2 (“provavelmente não”), observa-se que a vogal oral, fricativa posterior e o tepe receberam uma quantidade próxima de respostas, respectivamente 15, 13 e 12. No Nível 3 (“talvez”), observa-se que cai consideravelmente o número de respostas para as variantes fricativa posterior e tepe. Já para a vogal oral, há 10 respostas e uma quantidade bastante alta de respostas para as sentenças de controle. No Nível 4, é mantido o mesmo perfil de distribuição das respostas para as variantes e sentenças de controle, observado no Nível 3. No Nível 5, observa-se a predominância de respostas para os blocos com os estímulos de controle e poucas respostas para a vogal oral e a fricativa posterior. As poucas respostas para as de controle no Nível 1, para a fricativa posterior nos Níveis 4 e 5 e tepe no Nível 4 constituem os outliers que podem ser identificados no Gráfico 5.

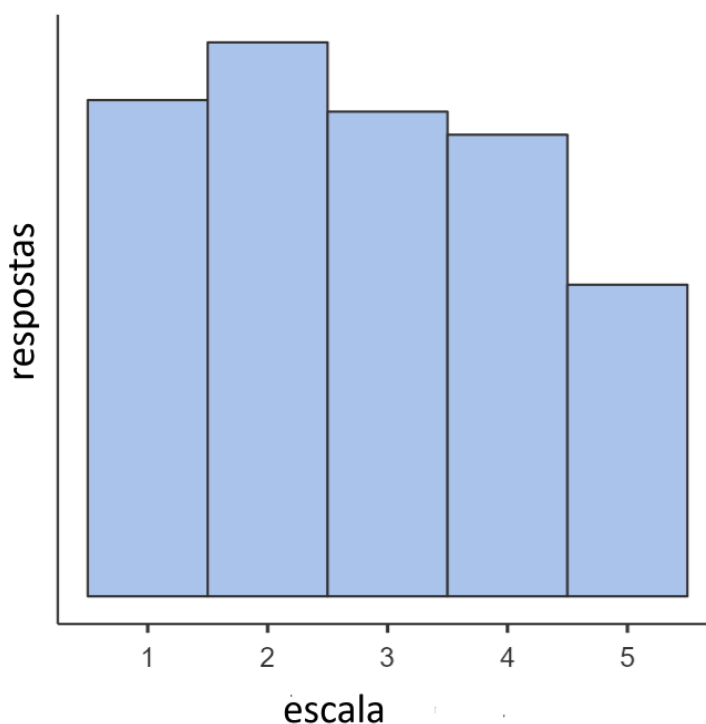
5.2. *Análise estatística inferencial*

Os resultados a seguir são de testes estatísticos para variáveis numéricas, como é o caso da escala de valores entre 1 e 5, proposta para a identificar a avaliação das variantes pelos participantes do experimento. Objetiva-se verificar se há efeito da variante (tepe em onset complexo, fricativa posterior e vogal oral) e da ausência delas (controle), assim como se a ordem de apresentação dos blocos de estímulos também afeta a avaliação. Também foi verificado se a diferença entre as médias de cada tipo de estímulo é significativa. Por fim, foi realizada uma análise de regressão linear de modelo misto com as variáveis controle como efeito fixo e os participantes como efeito aleatório.

Primeiramente, foi verificado, com o teste Shapiro, se as respostas estariam ou não em distribuição normal, ou seja, se a maioria das respostas estariam em torno de um valor central. A curva de distribuição normal é um conceito fundamental em estatística, representando uma distribuição de probabilidades simétrica que descreve muitos tipos de fenômenos (PATEL; READ, 1982). Esse mecanismo é amplamente usado para modelar e analisar dados, visto que muitos testes estatísticos assumem que os dados seguem uma distribuição normal. Na distribuição normal, média e mediana coincidem e ficam no pico da

curva. O p-valor resultante do teste Shapiro, na Plataforma R, foi 1.353e-10, o que significa que as repostas, de acordo com os cinco níveis propostos, não estão em distribuição normal ($p\text{-valor} < 0.05$), o que pode ser corroborado na Figura 7 a seguir, um histograma com todas as repostas:

Figura 7 – Histograma da distribuição das repostas



Fonte: elaboração própria

Assim, a relação entre as variáveis explicativas e a distribuição das repostas pelos níveis (variável dependente) foi checada com o teste Kruskal-Wallis, um teste não paramétrico para dados de variáveis contínuas e variáveis ordinais que não estão em distribuição normal, como as descritas e analisadas aqui. O teste de Kruskal-Wallis é um teste estatístico não paramétrico usado para comparar dois ou mais grupos independentes, nesse caso, utilizado para comparar resposta e tipo de estímulo (variante + controle) e resposta e lista (ordem de apresentação dos blocos de estímulo). Ele é utilizado quando as suposições dos testes paramétricos, como a ANOVA (Análise de Variância), não são atendidas, especialmente quando as distribuições dos dados não são normais. É uma versão não paramétrica da ANOVA, ou seja, ele verifica se existe uma diferença significativa entre as medianas de dois ou mais grupos independentes, sem a necessidade de assumir normalidade. (KRUSKAL; WALLIS, 1952).

Tabela 1 – Teste de Kruskal-Wallis - Resposta e Variante

Kruskal-Wallis			
	χ^2	gl	p
slider.response	85.7	3	< .001

Fonte: elaboração própria

No teste Kruskal-Wallis, um p-valor menor que 0,05 é considerado significativo, o que indica que há uma alta probabilidade de que a variação observada nas respostas não seja devida ao acaso, mas sim a algum fator real, como a característica da variável independente, ou seja, há relação entre as respostas dos participantes e as variantes dos blocos de estímulos. Assim, o p-valor de <.001, no teste de Kruskal-Wallis, sugere que a distribuição das respostas tem relação com a variante do bloco de estímulos, isto é, as variantes linguísticas em questão foram percebidas de forma diferente entre os participantes, o que significa dizer que a avaliação da adequabilidade da falante dos estímulos foi influenciada pela variante dos estímulos. Conforme pudemos observar com base nas médias obtidas, há uma clara diferença de avaliação das sentenças de controle em relação às três variantes no sentido da avaliação positiva (adequação) dos estímulos para a função de apresentador de jornal de TV, seguida da avaliação da vogal oral, que não foi totalmente rejeitada e nem plenamente aceita. Já no polo da rejeição, segue-se a avaliação da fricativa posterior, seguida da avaliação do tepe no ponto extremo. No entanto, esse resultado não permite identificar se a diferença entre essas duas médias é estatisticamente significativa.

O mesmo procedimento foi adotado para a verificação da variável dependente resposta e a ordem de apresentação dos blocos de estímulos, as listas.

Tabela 2 – Teste de Kruskal-Wallis - Resposta e Lista

Kruskal-Wallis			
	χ^2	gl	p
slider.response	3.16	3	0.368

Fonte: elaboração própria

Agora, com base nos resultados presentes na tabela, o p-valor de 0,368 sugere que as respostas dos participantes de acordo com as listas disponíveis não têm relação com a ordem de apresentação dos estímulos. De fato, na análise descritiva apresentada na seção anterior, foi sugerida diferença de avaliação para a mesma variante considerando as diferentes listas ou ordens somente para a avaliação da vogal oral na Lista 2 e da fricativa posterior na Lista 1.

Em seguida, são apresentados os resultados do Test.T, que compara duas médias e indica se a diferença entre elas foi significativa. O Quadro 1 a seguir apresenta os resultados obtidos. O p-valor igual ou inferior a 0.05 indica que a diferença entre as médias é significativa.

Quadro 1 – Comparação das médias das respostas – Test.T

Variantes	p-valor
tepe – fricativa posterior	0,1957
tepe – vogal oral	1,211e-07
tepe – controle	2,2e-16
fricativa posterior – vogal oral	0,0001462
fricativa posterior – controle	3,337e-12
vogal oral – controle	0,0004052

Fonte: elaboração própria

O p-valor de 0,1957 obtido na comparação entre as médias das respostas das variantes tepe em onset complexo e fricativa glotal em coda indica que, com base nos dados coletados, não há uma diferença estatisticamente significativa entre as duas variantes. Em outras palavras, o p-valor é maior que o nível de significância comum de 0,05, o que indica que a diferença observada nas médias não é suficiente para que a hipótese nula seja rejeitada. Os p-valores obtidos no Teste t para a comparação das outras médias – tepe-vogal oral, tepe-controle, fricativa posterior-vogal oral, fricativa posterior-controle, vogal oral-controle – são indicativos de que as diferenças são estatisticamente significativas. Com base nesse conjunto de resultados, é possível dizer que, no contexto de fala de alta tensão comunicativa, o tepe em onset complexo que alterna com a lateral e a fricativa posterior da coda (S) foram claramente rejeitados. A vogal oral que alterna com o ditongo nasal em final nominais foi moderadamente aceita, isto é, não foi claramente rejeitada como as outras duas variantes e também não obteve o mesmo grau de adequabilidade das sentenças de controle.

Finalmente, os dados foram submetidos à regressão linear mista no Jamovi. A importância de se utilizar esse modelo estatístico reside no fato de que é possível avaliar o

efeito das variáveis explicativas ou independentes considerando a especificidade da amostra, com participantes como variável de efeito aleatório, e também avaliar se há alguma interação entre as duas variáveis independentes, variante, incluindo as de controle, e a ordem de apresentação dos blocos de estímulos. Para que fosse possível efetuar a rodada, foi necessário amalgamar os níveis da escala, já que para todos os tipos de bloco de estímulos não houve resposta em todos os níveis, conforme pôde ser observado na seção 5.1. Assim, os níveis foram amalgamados da seguinte maneira, 1+2, 3, 4+5, resultando em uma escala de 3 níveis. A variável com o tipo de estímulo foi recodificada para que a variável tepe em onset complexo pudesse ser a base de comparação com as demais, já que, de acordo com a hipótese inicial, dado sua característica de estereótipo, o esperado é que os blocos de estímulos com o tepe recebessem mais avaliações de rejeição que os demais.

Tabela 3 – Significância dos grupos de fatores – Regressão linear mista

Variáveis	F	Num df	Den df	p
Tipo de estímulo	71.82	3	148.0	<.001
Ordem dos blocos	2.05	3	38.6	0.123
Tipo de estímulo * ordem dos blocos	5.30	9	148.0	<.001

Fonte: elaboração própria

Esses resultados confirmam os resultados obtidos no teste Kruskal-Wallis em que a variante do estímulo tem uma influência significativa na escolha dos níveis. O p-valor obtido para a resposta da variante sugere que ela desempenha um papel decisivo na maneira como os participantes percebem e fazem sua avaliação, refletindo as preferências dos falantes para o contexto solicitado no experimento. Também o p-valor obtido para a variável Lista ou ordem dos blocos confirma o resultado do Kruskal-Wallis, indicando que a variável que avalia a ordem de apresentação dos blocos de estímulos não teve efeito significativo na avaliação dos participantes. Em outras palavras, os participantes não demonstraram preferências diferenciadas entre as variantes independentemente de qual lista foi ouvida, o que sugere que a variabilidade nas respostas não se deve a uma diferença na ordem de apresentação dos blocos de estímulos.

No entanto, embora a lista por si só não tenha apresentado significância estatística, os resultados apontam a interação entre lista e variante. Isso implica que, embora a estrutura da lista não tenha sido um fator isolado que influenciasse a escolha, a combinação específica de

variante e lista gerou uma dinâmica de escolha diferenciada, sugerindo que a resposta dos participantes é resultado de uma interação entre esses dois fatores.

A Tabela 4 a seguir traz os resultados para os fatores de cada variável independente. Foram excluídos, para melhor visualização, aqueles que não apresentam significância estatística, isto é, cujo p-valor foi > 0.05 .

Tabela 4 – Resultados dos fatores de cada variável independente

	estimate	df	P
(Intercept)	2.5688	38.6	<.001
vogal oral * tepe	1.3000	148.0	<.001
controle * tepe	2.0750	148.0	<.001
Lista 2 * Lista 1	-0.6625	38.6	0.022
controle - tepe * Lista 2 - Lista 1	1.9500	148.0	<.001

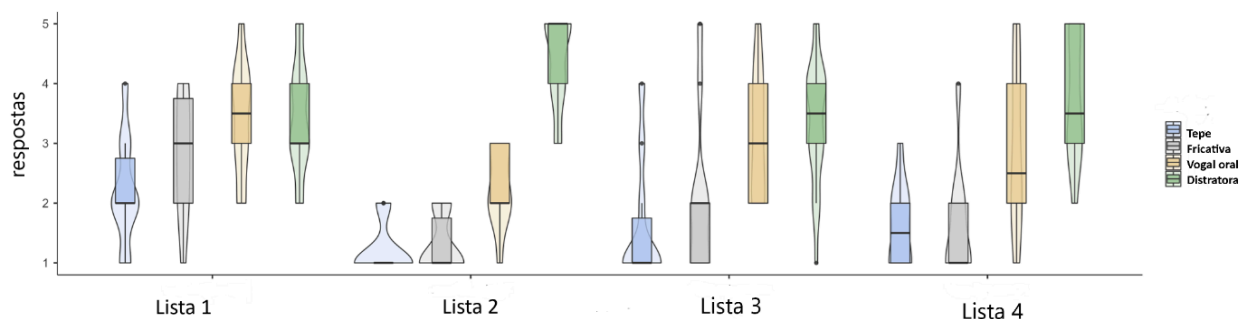
Fonte: elaboração própria

Os resultados obtidos para os fatores da variável variante ou tipo de estímulo também confirmam a análise apresentada na seção 5.1 relativa à diferença entre as médias das avaliações de cada variante e das sentenças de controle. Foi observada significância estatística na avaliação da vogal oral em relação ao tepe e das de controle em relação ao tepe. Os resultados comparativos entre tepe e fricativa posterior não constam da tabela porque o p-valor indica que não houve significância estatística ($p = 0.111$), o que também confirma a análise das diferenças entre as respectivas médias dessas variantes. Os resultados de logodds (estimate) indicam que a vogal oral e as sentenças de controle tenderam a ser mais bem avaliadas que o tepe, diferença maior das de controle (estimate=2.0750) do que dos estímulos com vogal oral (estimate = 1.3000).

Embora a variável Lista não tenha apresentado significância estatística (Tabela 4), o fator Lista 2 foi considerado significativo estatisticamente ($p=0.022$), e o logodd indica que as avaliações na Lista 2 foram mais baixos no geral que na Lista 1, que é a base. Porém, esse resultado é complementado pela interação entre variante e Lista. Os resultados na Tabela 4 indicam que as sentenças de controle foram mais bem avaliadas em relação ao tepe na Lista 2, comparativamente com a Lista 1.

Na Figura 8 a seguir, são apresentados os boxplots das respostas conjugando variante e lista.

Figura 8 – Boxplots das respostas entre variante e lista



Fonte: elaboração própria

Conforme pode ser observado, na Lista 2, os blocos de estímulos com o tepe no onset complexo foram majoritariamente avaliados como 1 e 2, com predominância de 1, conforme também já mostrado em 5.1.2. Enquanto os dois blocos de sentenças de controle tiveram as avaliações mais concentradas entre 4 e 5. Na Lista 2, houve menos dispersão das respostas nos diferentes níveis na avaliação dos blocos com o tepe e a fricativa posterior.

Com o objetivo de buscar situar melhor a relação entre variantes e ordem de apresentação dos blocos de experimentos, uma nova rodada de regressão linear foi realizada com a recodificação dos fatores da variável variante (ou tipo de estímulo), dessa vez, com sentenças de controle como base. Novamente, os resultados apontaram a significância das variáveis independentes variante e ordem dos blocos e a interação entre variante e Lista, conforme esperado (ver Anexo 1). Todas as variantes se mostraram significativas em relação a estímulos de controle ($p < .001$), conforme observado na comparação entre as médias das variantes com os estímulos de controle. O mesmo resultado foi obtido em relação à diferença entre Lista 1 e Lista 2. Na interação entre variante e Lista, todas as variantes foram significativamente avaliadas com valores mais baixos em relação às de controle ($p < .001$). Porém, também é indicada a significância da diferença de avaliação entre Fricativa Posterior e sentenças de controle na Lista 4 em relação à Lista 1 ($p < .001$).

É interessante que as duas situações de interação entre variante e Lista tenham sido na situação em que o bloco com a fricativa posterior é apresentado antes dos blocos com o tepe no onset complexo e o bloco com a vogal oral. Na seção 5.1.2, em que foi observada diferença de avaliação da fricativa na Lista 1 em relação à Lista 2, a princípio, foi levantada a

possibilidade de essa ordem tornar a fricativa posterior mais evidente no contexto em questão. No entanto, consideramos que a relação entre as variantes precisa ainda ser mais investigada, ampliando-se o estudo com mais listas, isto é, mais combinações de ordens de apresentação.

5.3. Síntese geral

As análises descritas anteriormente buscaram observar as principais tendências nas escolhas dos participantes do experimento realizado, abordando as três variantes linguísticas específicas aqui estudadas: vogal oral que alterna com ditongo nasal em nominais, tepe em onset complexo que alterna com lateral e a realização da coda (S) como fricativa posterior. Cada uma dessas variantes reflete variáveis linguísticas que, ao serem analisadas em conjunto, proporcionam uma compreensão mais ampla sobre a percepção dos falantes em relação a diferentes aspectos da língua, com foco na aceitação ou rejeição dessas formas no contexto de apresentação de jornal de TV (LABOV *et al.*, 2011), um contexto de fala de alta tensão comunicativa. A Figura 9 a seguir representa as médias obtidas na avaliação com base na escala entre 1 e 5, analisadas anteriormente, buscando capturar a ideia de contínuo de valores observados com a metodologia proposta.

Figura 9 – Contínuo de avaliação das variantes em estudo e estímulos controle



Fonte: Elaboração própria

Ao pensar em um *contínuo* de valores sociais no contexto comunicativo do experimento, a variante fricativa posterior se posiciona no mesmo grau de estigma do rotacismo. A expectativa inicial era de que haveria rejeição ao uso dessa variante no contexto de fala do experimento, porém não exatamente no mesmo grau de estigma, dado não haver exatamente uma caracterização clara dessa variante como estereótipo de grupo social. Já a variante oral se diferencia das duas já comentadas, porém não se equiparando à avaliação das sentenças controle.

6. CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou observar a avaliação social de variantes de variáveis fonológicas observadas em uma mesma situação de fala, com o objetivo de verificar se os valores sociais atribuídos às variantes observadas se organizam em um *contínuo* para além da dicotomia prestígio/estigma. As variantes observadas foram a vogal oral, que alterna com ditongo nasal átono final (*garagi*), o tepe, que alterna com a lateral em onset complexo (*framengo*), e a fricativa posterior (velar/glotal) em coda (*mehmo*). Os dados foram obtidos através de metodologia experimental, adaptadas do experimento de Labov *et al.* (2011). Assim, o objetivo da pesquisa foi buscar traçar uma escala em *contínuo* para estabelecer o grau de indexação social das três variantes, no sentido de verificar se há estigma e se este é percebido da mesma forma em contexto de alta tensão comunicativa. Assim, cada uma dessas variantes reflete aspectos distintos do sistema linguístico e, ao serem analisadas em conjunto, proporcionam uma compreensão mais ampla sobre a percepção dos falantes em relação a diferentes aspectos da língua. O estudo concentrou-se na avaliação social dessas variantes no contexto de um jornal de TV.

Tomando como ponto de partida a estratificação social observada para cada variante em estudos com base em dados de produção, a hipótese de trabalho foi a de que poderia haver um *contínuo* em que o tepe em onset complexo, dado seu caráter de estereótipo social (Gomes, 2021; Gomes *et al.*, 2022), seria avaliado como mais inadequado para a situação comunicativa do experimento que a coda fricativa posterior, e mais distanciado da vogal oral que alterna com ditongo nasal em final de nomes.

O experimento utilizado foi o de classificação da adequabilidade da falante dos estímulos ao posto de apresentadora de jornal de TV com base na leitura de estímulos orais no formato de manchetes de notícias. A avaliação foi realizada com base em uma escala de 5 pontos, identificados da seguinte forma: Nível 1: certamente não, Nível 2: provavelmente não; Nível 3: talvez, Nível 4: provavelmente sim e Nível 5: certamente sim. Os estímulos alvo consistiram em blocos com 4 sentenças com a mesma variante. Os blocos foram distribuídos em 4 listas. Cada lista continha 1 bloco de cada variante e 2 blocos de sentenças de controle. A ordem de apresentação dos blocos diferiu em cada lista. A variável dependente foi a resposta para cada bloco, isto é, o nível escolhido. As variáveis independentes foram o tipo de estímulos (cada variante e controle), a ordem de apresentação dos blocos (Listas) e, para a análise de regressão linear mista, participantes como variável aleatória. O experimento

foi aplicado a 40 universitários da Universidade Federal do Rio de Janeiro, todos alunos dos cursos de Letras.

Os dados foram submetidos a uma análise descritiva e os resultados checados através de estatística inferencial. Os resultados da regressão linear mista confirmam os resultados obtidos para a comparação entre as médias das respostas obtidas para cada tipo de variante, para o efeito da variante e da ordem de apresentação dos estímulos na avaliação dos participantes. Os resultados confirmaram a hipótese em relação à diferença de avaliação da variante tepe em onset complexo e a vogal oral, mas não em relação à variante tepe e a fricativa posterior, já que ambas receberam a mesma avaliação dos participantes no contexto situacional do experimento. A variante tepe e a fricativa posterior receberam avaliações concentradas nos dois níveis mais baixos da escala. A variante vogal oral obteve respostas mais concentradas nos níveis 2 e 3, tendo sido menos estigmatizada no contexto comunicativo do experimento, que as outras duas variantes, se diferenciando de ambas. Já os blocos de estímulos com as sentenças de controle, que serviram também de controle da avaliação, receberam mais respostas nos níveis 3, 4 e 5, principalmente nos níveis 3 e 4.

Os resultados para ordem de apresentação dos estímulos mostraram uma diferença estatisticamente significativa da distribuição das respostas da Lista 2 em relação a Lista 1. Foi observada interação entre Lista e variante. Na rodada em que o tepe é a base de comparação, o resultado mostra que a avaliação do tepe na Lista 2 se afasta mais da avaliação do tepe na Lista 1. Na rodada em que as sentenças de controle são a base, o perfil das respostas da Lista 2 é o mesmo para todas as variantes, ou seja, na Lista 2, a avaliação das três variantes se distancia mais da Lista 1. Porém também foi observado que, na Lista 4, a variante posterior tem avaliação mais distanciada em relação às de controle. Esses resultados apontam para a importância de aprofundar a questão da interferência da avaliação de uma variante nas demais. Uma possibilidade seria através da ampliação do número de listas, organizando uma mesma quantidade de ordens para cada combinação possível de ordem para os 4 tipos de estímulos. Ainda, os resultados aqui encontrados apontam para a importância de observar a avaliação dessas mesmas variantes conjuntamente em uma situação comunicativa com menos tensão comunicativa.

Assim, a pesquisa contribui para uma compreensão mais aprofundada da variação linguística e da avaliação social das variantes, ao propor uma abordagem que busca se distanciar da visão dicotômica tradicional de estigma e prestígio. Ao analisar

simultaneamente variantes de três variáveis fonológicas em um único contexto comunicativo, o estudo amplia as possibilidades de pesquisa na área, oferecendo novas perspectivas sobre como os falantes percebem e avaliam as variantes linguísticas. Em última instância, essa pesquisa oferece uma contribuição relevante para os estudos sociolinguísticos, destacando a complexidade das percepções sociais e a importância de se considerar as interações entre fatores linguísticos e sociais na análise da variação.

7. REFERÊNCIAS

- BATTISTI, E. A redução dos ditongos nasais átonos. In: Bisol, L.; Brescancini, C. (Orgs). *Fonologia e variação - recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- CONNINE, C. M. *et al.* Processing variant forms in spoken word recognition: The role of variant frequency. In: *Perception & Psychophysics*. New York: State University of New York, 2008.
- CRISTÓFARO-SILVA, T.; GOMES, C. A. Teoria de Exemplos. In: da Hora, D.; Matzenauer, C. *Fonologia, Fonologias*. São Paulo: Contexto, p. 157-168, 2020 [2017].
- DRAGER, K. Experimental methods in sociolinguistics. In: HOLMES, J.; HAZEN, K. (Orgs.) *Research Methods in Sociolinguistics: A practical guide*, Wiley-Blackwell: Oxford, 2014.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, n. 41, p. 87-100, 2012.
- GEERE, M.; EVERETT, J.; MACLEAD, A. “My Vocal Cords Are Made of Tweed”: Style-Shifting as Speaker Design. *LifeSpans & Styles*, v. 1, p. 10-20, 2015. Disponível em: <http://journals.ed.ac.uk/lifespansstyles>
- GOMES, C. A. *et al.* Acessando a avaliação social das variantes do onset complexo na variedade carioca. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, 2022.
- GOMES, C. A. *et al.* Revisitando a variação entre ditongos nasais finais átonos e vogais orais na comunidade de fala do Rio de Janeiro. *Diacrítica* [online], vol. 27, no 1, p.153-173, 2013.
- GOMES, C. A. Para além das ondas: um ponto de partida sobre o significado social da variação entre ditongo nasal átono final e vogal oral no Português Brasileiro. *Diacrítica*, vol. 31, no 1, p. 5-24, 2017.
- GOMES, C. A. Passado e presente da alternância entre a lateral e o tepe no onset complexo no português: considerações sobre representação, mudança linguística e avaliação social. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, 7 (2): 16-43, 2021.
- GOMES, C. A. *Rotacismo em grupo consonantal: abordagem sincrônica e diacrônica*. 1987. 118f. Dissertação (Mestrado em Linguística) (Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 1987.

GOMES, C. A.; MELO, M. A. S. L. O papel do item lexical e da estrutura social na direcionalidade da mudança sonora. *Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS Porto Alegre*, v. 10, n. 1, p. 210-224, 2017.

GOMES, C. A.; MELO, M. A. S. L. Percepção da variação da coda (S) na comunidade de fala do Rio de Janeiro: acessando o significado social da variante fricativa posterior. In: *Dimensões e experiências em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, p. 129-148, 2019.

GOMES, C. A.; MELO, M. A. S. L. Percepção/processamento da variação sociolinguística: considerações sobre contribuições e desafios da pesquisa experimental. *Revista de estudos da linguagem*, v. 31, p. 432-467, 2023.

GOMES, C. A.; PAIVA, M. C. de. *Variação no grupo, no indivíduo e relação implicacional entre variáveis linguísticas*. Veredas (Rio de Janeiro), Editora da UFJF - Juiz de Fora, v. 11, n.1, p. 105-113, 2002.

GOMES, C. A.; SILVA, G. G. A. Percepção da variação sociolinguística: a avaliação social da alternância entre o ditongo nasal átono final e vogal oral na variedade carioca. In: *Matraga - Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Letras Da UERJ*, 31(62), 233–248, 2024.

HAY, J. *et al.* Factors influencing speech perception in the context of a merger-in-progress. *Journal of Phonetics*, Amsterdam, v. 34, n. 4, 2006.

HEAD, B. Social factors in the perception of phonetic differences. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 2, p.158-166, 1981.

KRUSKAL, W. H.; WALLIS, W. A. Use of ranks in one-criterion variance analysis. *Journal of the American Statistical Association*, v. 47, n. 260, 1952.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, W. Princípios da mudança linguística. *Volume I: Fatores internos (Linguagem na Sociedade 20)*. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2001.

LABOV, W.; CINZAS, S.; RAVINDRANATH, M.; WELDON, T. Properties of the sociolinguistic monitor. *Journal of Sociolinguistics*: p. 431-463, 2011.

MELO, M. A. S. L. 2017. 142f. *Direcionalidade da mudança sonora: o papel do item lexical e da avaliação social*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

MEYERHOFF, M. *Introducing Linguistics*. New York: Routledge, 2008.

MOLLICA, M. C.; PAIVA, M. C. Restrições estruturais atuando na relação entre [l] à [r] e [r] à Ø em grupos consonantais em português. *Revista da Abralin*, São Paulo, n. 11, p. 181-190, 1991.

PATEL, J. K. e READ, C. B. *Manual da Distribuição Normal*. Nova York: Dekker, 1982.

PATRICK, P. L. The Speech Community. In: Chambers, J. K.; Trudgill, P.; Schilling- Estes, N. (eds). *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell Publishing, p. 573-597, 2002.

PIERREHUMBERT, J. Knowledge of variation. *Knowledge of Variation, Papers from the Parasession on Variation*, 30th meeting of the Chicago Linguistic Society, Chicago Linguistic Society, Chicago, 1994.

PIERREHUMBERT, P. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition, and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (eds.). *Frequency effects and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001, pp. 137-157. PIERREHUMBERT, J. B. Phonological representation: Beyond abstract versus episodic. *Annual Review of Linguistics* 2, 2016.

SCHWINDT, L. C. BOPP DA SILVA, T. Panorama da redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do Sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLISHON, G (orgs.) *Português do Sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 13-33, 2009.

SILVA, G. G. A. *A alternância entre ditongo nasal átono final e vogal oral no Rio de Janeiro: uma avaliação sociolinguística*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2022. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/18363/1/GGASilva.pdf> (Acessado em abril de 2024).

SILVA, L. F. *Alternância de líquidas em onset complexo: a percepção da variação linguística sob o ponto de vista do valor social*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2021. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/15920/1/LFSilva.pdf> (Acessado em setembro de 2024).

SQUIRES, L. M. *Sociolinguistic priming and the perception of agreement variation: Testing predictions of exemplar-theoretic grammar*. Tese (Doutorado), University of Michigan, 2011.

TAGLIAMONTE, S. *The variationist sociolinguistics*. Wiley-Backwell: Oxford, 2012.

TARALLO, F. *A pesquisa Sociolinguística*. 8a. ed., São Paulo: Ática, 2007.

VAN BERKUM, J. et al. The Neural Integration of Speaker and Message. *Journal of Cognitive Neuroscience*, v. 20, n. 4, p. 580-91, 2008. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/5794892_The_Neural_Integration_of_Speaker_and_Message>. Acesso

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for Theory of Language Change. In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) *Directions for Historical*

Linguistics. Austin: University of Texas Press: 1968 [Trad.: Marcos Bagno; São Paulo: Parábola, 2006].

8. ANEXOS

ANEXO 1 – Regressão linear mista

Fixed Effects Parameter Estimates

Names	Effect	Estimate	SE	95% Confidence Interval		df	t	p
				Lower	Upper			
(Intercept)	(Intercept)	2.569	0.0982	2.376	2.7612	38.6	26.155	< .001
avaliação11	Fricativa Posterior.wav - Distratoras.wav	-1.775	0.1622	-2.093	-1.4571	148.0	-10.944	< .001
avaliação12	Tepe.wav - Distratoras.wav	-2.075	0.1622	-2.393	-1.7571	148.0	-12.794	< .001
avaliação13	Vogal Oral.wav - Distratoras.wav	-0.775	0.1622	-1.093	-0.4571	148.0	-4.778	< .001
expName1	experGiselle02 - experGiselle01	-0.663	0.2778	-1.207	-0.1181	38.6	-2.385	0.022
expName2	experGiselle03 - experGiselle01	-0.425	0.2778	-0.969	0.1194	38.6	-1.530	0.134
expName3	experGiselle04 - experGiselle01	-0.488	0.2778	-1.032	0.0569	38.6	-1.755	0.087
avaliação11 * expName1	Fricativa Posterior.wav - Distratoras.wav * experGiselle02 - experGiselle01	-2.450	0.4587	-3.349	-1.5509	148.0	-5.341	< .001
avaliação12 * expName1	Tepe.wav - Distratoras.wav * experGiselle02 - experGiselle01	-1.950	0.4587	-2.849	-1.0509	148.0	-4.251	< .001
avaliação13 * expName1	Vogal Oral.wav - Distratoras.wav * experGiselle02 - experGiselle01	-2.050	0.4587	-2.949	-1.1509	148.0	-4.469	< .001
avaliação11 * expName2	Fricativa Posterior.wav - Distratoras.wav * experGiselle03 - experGiselle01	-0.600	0.4587	-1.499	0.2991	148.0	-1.308	0.193
avaliação12 * expName2	Tepe.wav - Distratoras.wav * experGiselle03 - experGiselle01	-0.500	0.4587	-1.399	0.3991	148.0	-1.090	0.278
avaliação13 * expName2	Vogal Oral.wav - Distratoras.wav * experGiselle03 - experGiselle01	-0.200	0.4587	-1.099	0.6991	148.0	-0.436	0.663
avaliação11 * expName3	Fricativa Posterior.wav - Distratoras.wav * experGiselle04 - experGiselle01	-1.450	0.4587	-2.349	-0.5509	148.0	-3.161	0.002
avaliação12 * expName3	Tepe.wav - Distratoras.wav * experGiselle04 - experGiselle01	-0.850	0.4587	-1.749	0.0491	148.0	-1.853	0.066
avaliação13 * expName3	Vogal Oral.wav - Distratoras.wav * experGiselle04 - experGiselle01	-0.650	0.4587	-1.549	0.2491	148.0	-1.417	0.159

Random Components

Groups	Name	SD	Variance	ICC
participant	(Intercept)	0.482	0.232	0.249
Residual		0.838	0.701	

Nota. Number of Obs: 200 , groups: participant 40